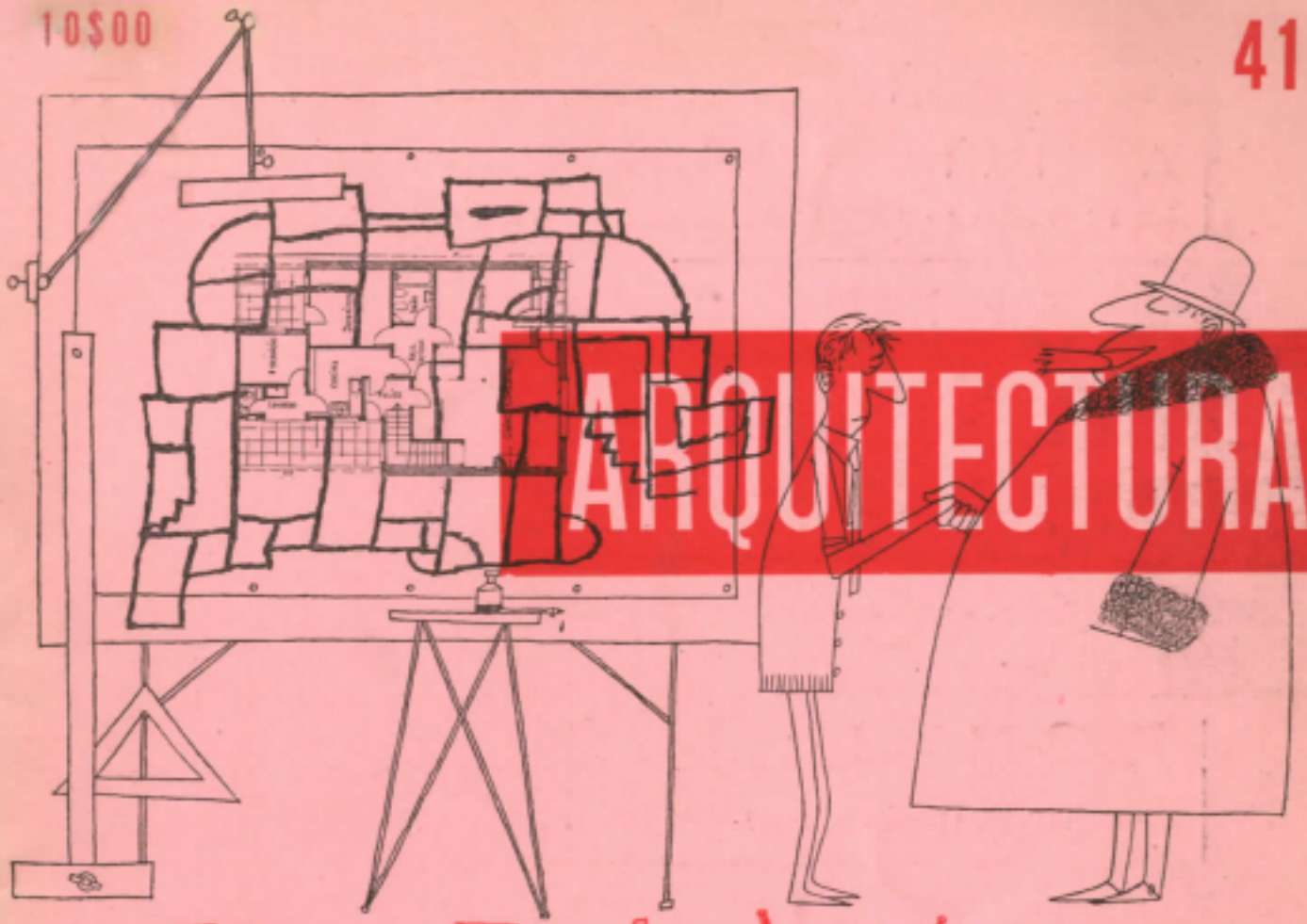
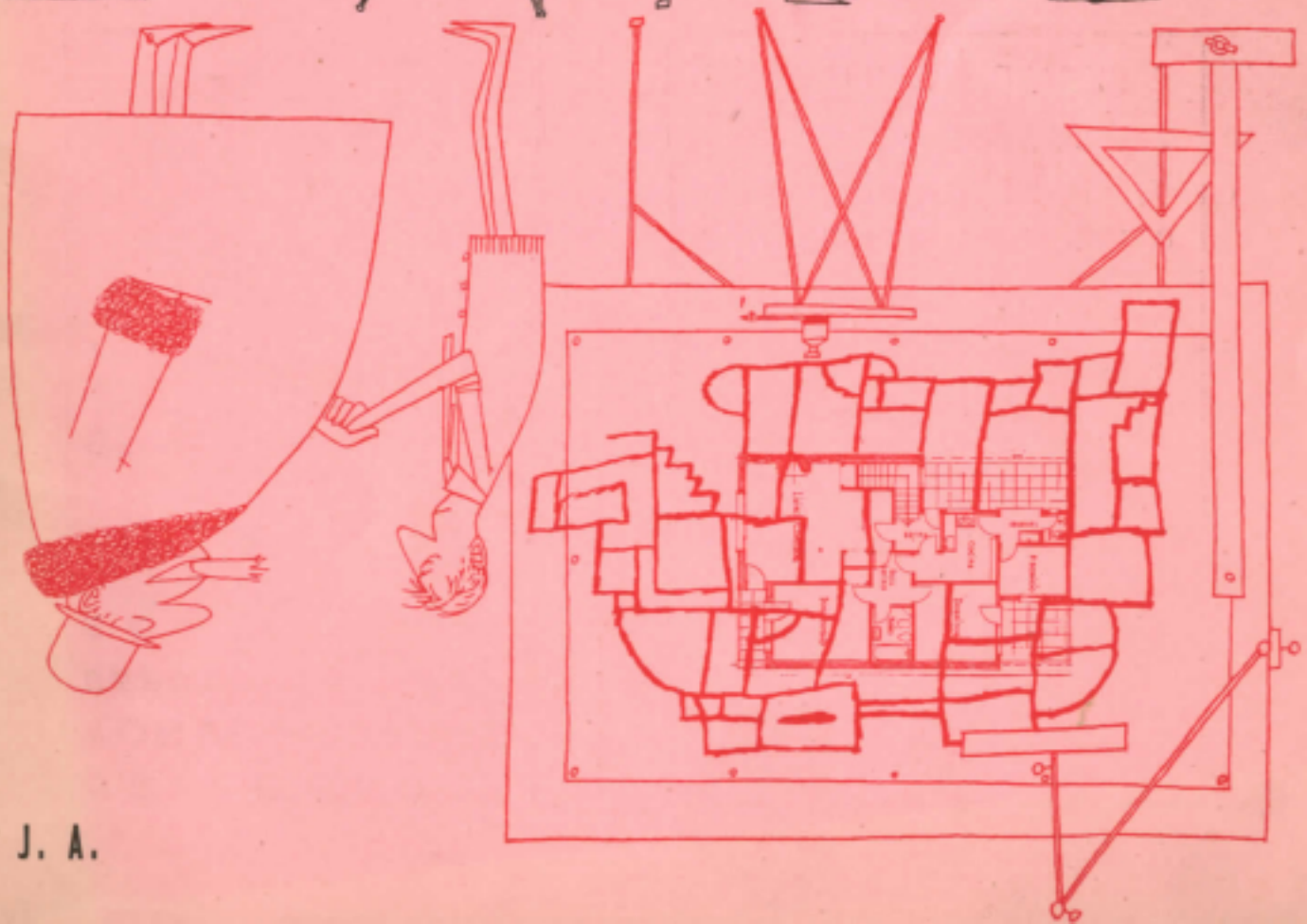
10$00

41

ARQUITECTURA





J. A.

41

ARQUITECTURA

SUMÁRIO

ARQUITECTURA

Casa de Férias em Carrego. João Andresen, Arq. 5
Bloco de habitações na praia da Gavea — Brasil. Oscar Niemeyer, Arq. 8
Centro Comercial do Bairro da Ajuda, Lisboa. Raúl Ramalho, Arq. 12
Estação Terminal de Roma 16

ARTIGOS

Formas estruturais da Arquitectura de hoje. Franco Carpanelli, Arq. 3
A propósito de uma reunião de estudantes de Arquitectura na cidade de Londres. F. Torres 10
Bienal de S. Paulo — Expos. Internacional d'Arquitectura 20

ARTES PLÁSTICAS

João Aires 25

SECÇÕES

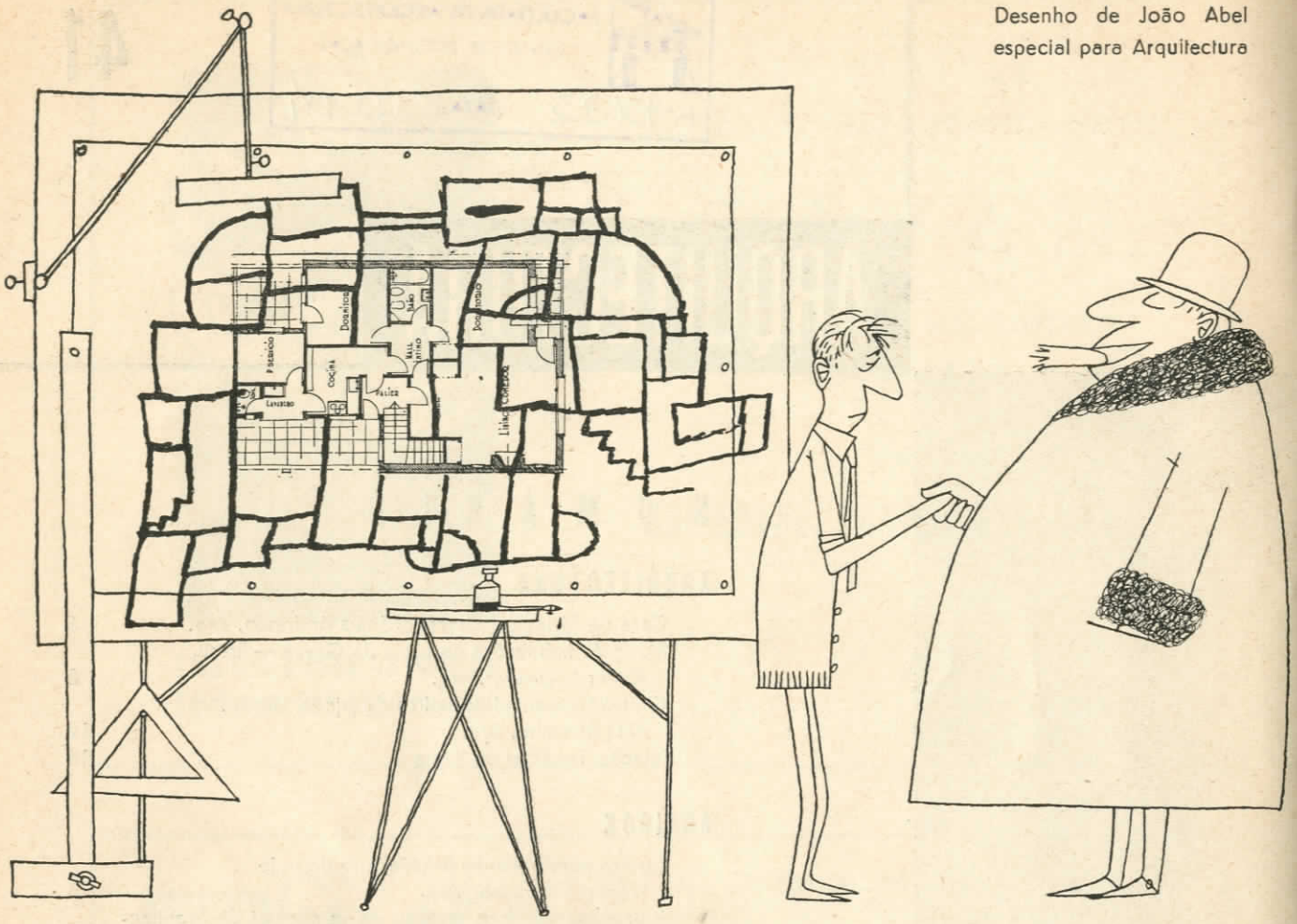
Ecos e Notícias 23
Livros e Revistas 24

DIRECTOR: ARQ. ALBERTO JOSÉ PESSOA - EDITOR: ARQ. JOÃO SIMÕES - PROPRIEDADE DE INICIATIVAS CULTURAIS ARTE E TÉCNICA, I. C. A. T. LDA. - COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: SOC. TIPOGRÁFICA, LDA., TRAVESSA DAS MERCÊS, 4 A 10-LISBOA - ADMINISTRAÇÃO: RUA DR. ALEXANDRE BRAGA, 8, 1.º LISBOA TELEF. 43367 - GRAVURAS DA FOTOG. MARTINS & FERREIRA, LDA. R. INFANTE D. HENRIQUE, 60, 2.º - ASSINATURAS: PORTUGAL E ESPANHA: 6 NÚMEROS, 24$00; 12 NÚMEROS, 100$00 - COLÓNIAS PORTUGUESAS E BRASIL: 12 NÚMEROS, 130$00 - OUTROS PAÍSES, 12 NÚMEROS, 190$00 AS ASSINATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAMENTE E INICIAM-SE EM QUALQUER NÚMERO. DELEGAÇÃO NO NORTE: ATELIER DOS ARQUITECTOS ARMÉNIO LOSA E CASSIANO BARBOSA - RUA MAGALHÃES LEMOS, 111, 2.º - PORTO

ANO XXIV • 2.ª SÉRIE • NÚMERO 41 • MARÇO 1952

ESTE NÚMERO FOI ORGANIZADO PELO ARQUITECTO CANDIDO PALMA DE MELO

Desenho de João Abel
especial para Arquitectura



MEU CARO ARQUITECTO VOCÊ AGORA ACERTA ISSO,

EU AMANHÃ VOLTO POR CÁ COM MINHA ESPOSA

a visita do cliente

FORMAS ESTRUTURAIS DA ARQUITECTURA DE HOJE

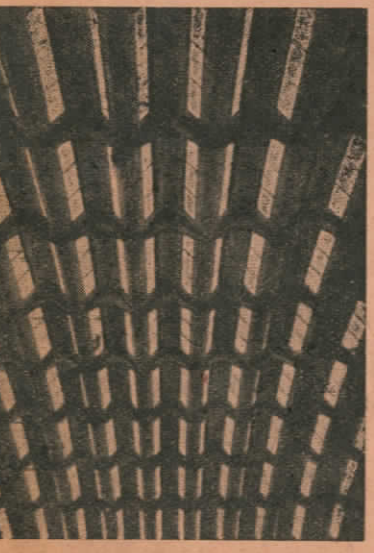
PELO ARQUITECTO FRANCO CARPANELI — DA REVISTA ARQUITECTURA MÉXICO

A tendência, cada vez maior para valorizar as estruturas na Arquitectura Contemporânea, pondo-as em destaque e, algumas vezes, acentuando os traços característicos de determinados órgãos, é a consequência natural e lógica da exigência diária de simplificação das produções arquitectónicas. A procura de uma mais rigorosa e estreita correspondência entre os requisitos do projecto e as necessidades do homem de hoje, conduz efectivamente, a uma selecção e a um uso mais apropriado e responsável dos elementos estruturais, que assim se mostram abertamente.

Consegue-se maior ingenuidade e sinceridade expressiva que é, além do mais, condição indispensável para uma obra de arte. E a isto acrescenta-se — factor de excepcional influência no desenvolvimento das investigações relativas às estruturas — o surpreendente impulso dado à tecnologia e à adopção de novos materiais (matéria plástica, etc.) e de métodos originais de aplicação.

Isto, repito, sucede naturalmente de acordo ou melhor, em sincronismo com os pedidos da sociedade numa proporção recíproca; um exemplo muito notável — no caso específico — é o interesse sempre crescente pelas coberturas de grandes espaços sem apoios intermédios.

Estado de coisas que requere cada vez mais a solução de problemas relativos à actual forma de projectar as estruturas que ainda assenta sòlidamente na rígida ***análise*** formalista com grande desvantagem de uma síntese, fruto principal da intuição e da genialidade criadora. Tornando-se por isto de actualidade as relações entre a Engenharia e a Ciência e — num plano mais vasto — resultam mais sensíveis os contactos entre mentalidade ***matemático-técnica*** e mentalidade ***intuitivo-artística***, infelizmente durante muito tempo divididas.



No estudo das estruturas, a separação entre os processos tradicionais analíticos — impessoais e estáticos métodos de investigação, necessários, mas agora insuficientes, como se tem demonstrado — e os sintéticos de projecto, parece, no entanto, restringir-se gradualmente num conhecimento mais amplo e mais humano e uma melhor compreensão da resistência e do equilíbrio dos materiais e das forças, vivificando e integrando a já adiantada lei e teoria da Ciência das Construções.

Disto resulta uma ***«sensibilidade estática e construtiva»*** muito desenvolvida a qual, com a ***intuição***, facilita o processo criador de formas e de nexos

estruturais correspondendo ao mesmo tempo à função, à economia e à estética.

Devemos reconhecer de que forma, a muito notável contribuição que proporciona o recente despertar dos interesses dos homens de ciência pela técnica experimental e, especialmente, dos matemáticos pela matemática aplicada e pela físico-matemática — num campo que erradamente se tinha considerado incapaz de investigações sérias — tenha feito adiantar os estudos sobre as estruturas em geral e particularmente sobre as de betão armado. É para estas últimas que parece orientar-se a maior atenção dos arquitectos projectivistas, estimulados e ajudados pelas novas hipóteses de cálculo que consideram, em especial, o comportamento plástico da argamassa.

No aspecto estético, com efeito, a passagem gradual das formas maciças característica das primeiras construções em betão armado — à ligeireza, e elegância das estruturas de hoje, é talvez o sinal mais evidente do apuramento progressivo dos métodos e dos processos tecnocológicos.

O notável progresso na produção do betão armado (investigações aperfeiçoadas da granolometria; métodos de manipulação por vibração; emprego de aços especiais, etc.) reflecte-se directamente no aumento admissível das tensões e por conseguinte, paralelamente, na redução das dimensões das armaduras e a mais vasta possibilidade de espaços livres.

Particularmente com o betão ***pré-esforçado*** (método de Hoyer e de Freyssinet), às vantagens já enunciadas acrescentam-se: uma notável economia de aço, garantia completa contra as fendas nas partes tendidas e — factor importante para armaduras que devam ser transportadas — maior resistência aos choques.

Devemos recordar a valiosíssima contribuição dada por processos de pré-fabricação e, especificamente, pelas peças ***betonadas fora da obra***, especialmente em países — como a Itália — nos quais o elevado custo dos moldes e seus suportes — influi consideràvelmente na economia das construções. Mas talvez ainda que as maiores vantagens deste método construtivo sejam de ordem ***social*** (continuidade do trabalho fabril e consequentemente diminuição do desemprego) e sobretudo, ***estética*** (possibilidade de produzir armaduras mais compactas e portanto maior variedade de formas).

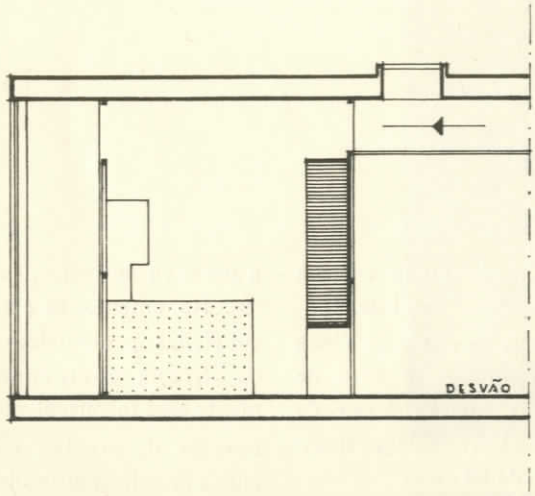
Além disso, as novas técnicas e com elas em natural correspondência, a introdução e o desenvolvimento de novas formas estruturais, interessam, de forma especial, ao arquitecto.

Das aplicações de tipos estruturais simples, de esqueleto — tal como os arcos —, até à mais compacta construção de ***lages planas***, há efectivamente uma grande quantidade de estudos e de realizações recentes, capazes de documentar a vasta possibilidade que estas soluções oferecem no campo da

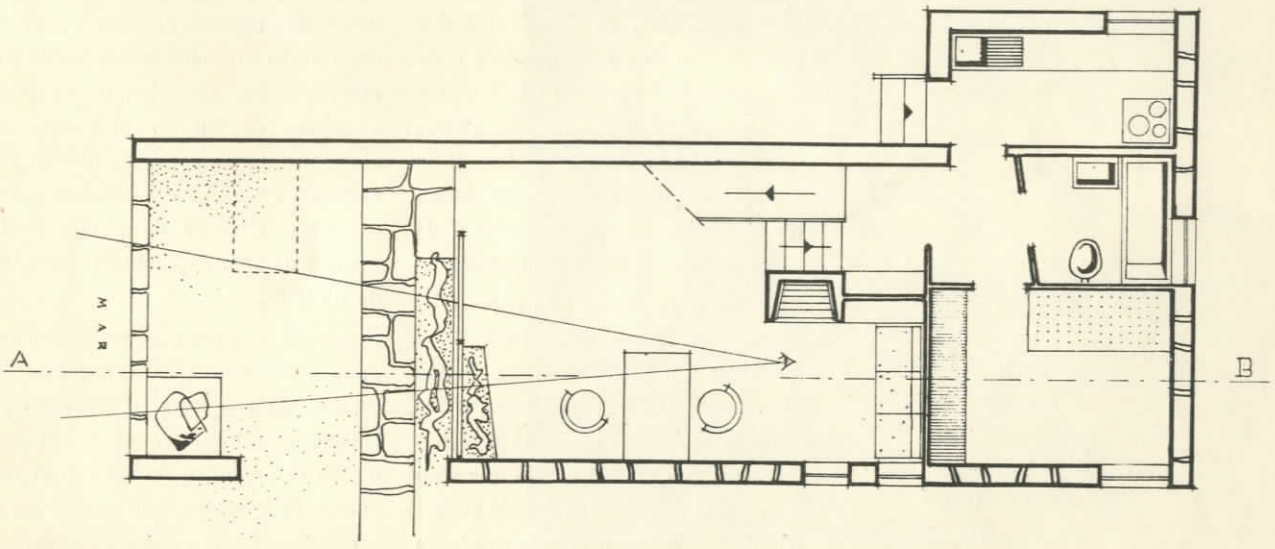
(Continua na página 21)

CASA DE FERIAS EM CARREGO

ARQUITECTO JOÃO ANDRESEN



PLANTAS ESC. 1/100



CORTE ESC. 1/100

Nestes vários aspectos da casa de férias observa-se a maneira correcta e elegante como o arquitecto integrou a construção no pinhal e a solução achada para o recinto coberto, perfeito prolongamento da zona de estar.

Casa de Férias em Carrego

Arquitecto João Andresen

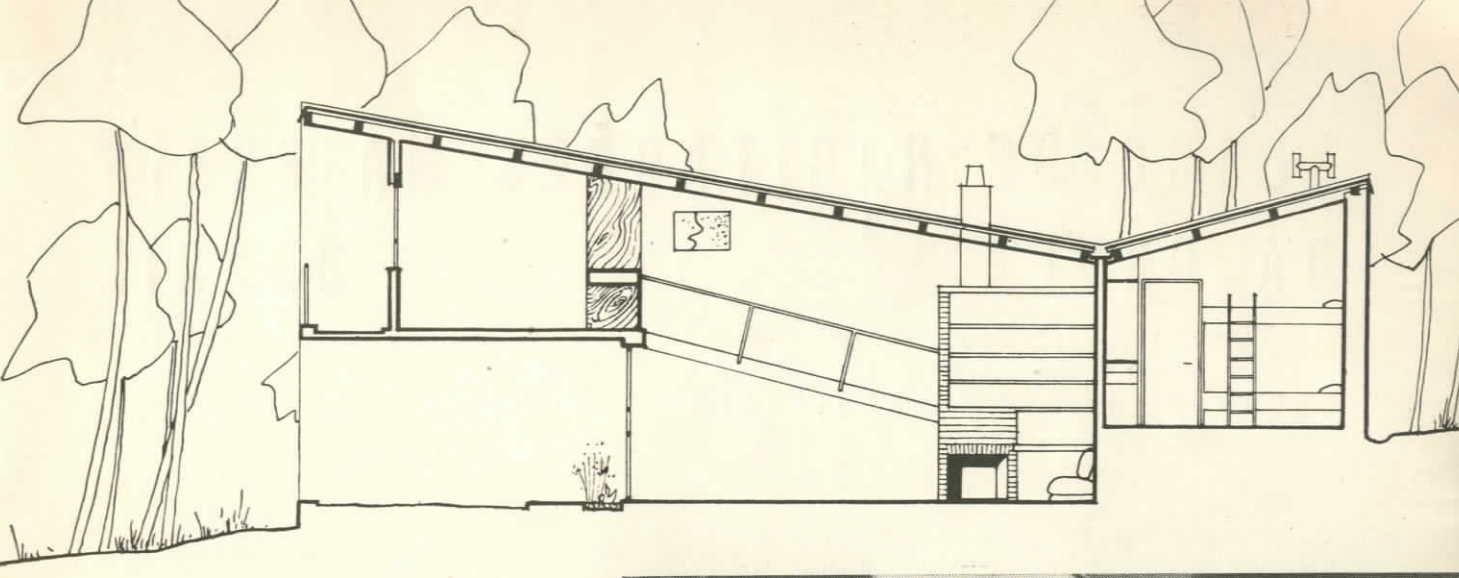
Esta casa, situada numa encosta sobre o mar, junto ao farol de Montedor, a 7 Klms. ao Norte de Viana do Castelo, destina-se a gozo de férias de verão dum Professor de Português numa Universidade estrangeira, solteiro, de 30 anos.

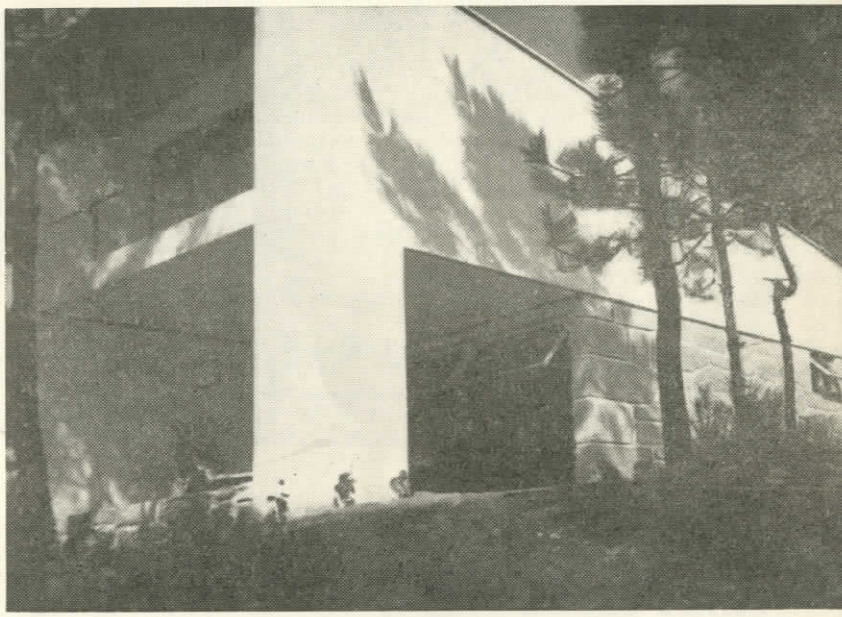
Gostando ao mesmo tempo do Alto-Minho, do mar, da companhia dos seus livros, dos seus quadros e de música, quer fazer os seus 3 mêses de férias bem diante do mar (7 minutos a pé), em companhia das coisas e pessoas que aprecia, bem longe duma grande capital, num dos mais belos pontos da costa portuguesa.

Esta casa, de 96,70^{m2} de superfície, foi construída por empreitada geral em 1950, por um empreiteiro local. O seu custo foi de 78 contos, incluindo móveis de cozinha e armários. Há que ter em conta, que só o transporte de água canalizada e electricidade, devido à grande distância a que se encontravam, custou 20 contos. No entanto, as extraordinárias condições panorâmicas e o preço do terreno, compensaram largamente esse inconveniente.

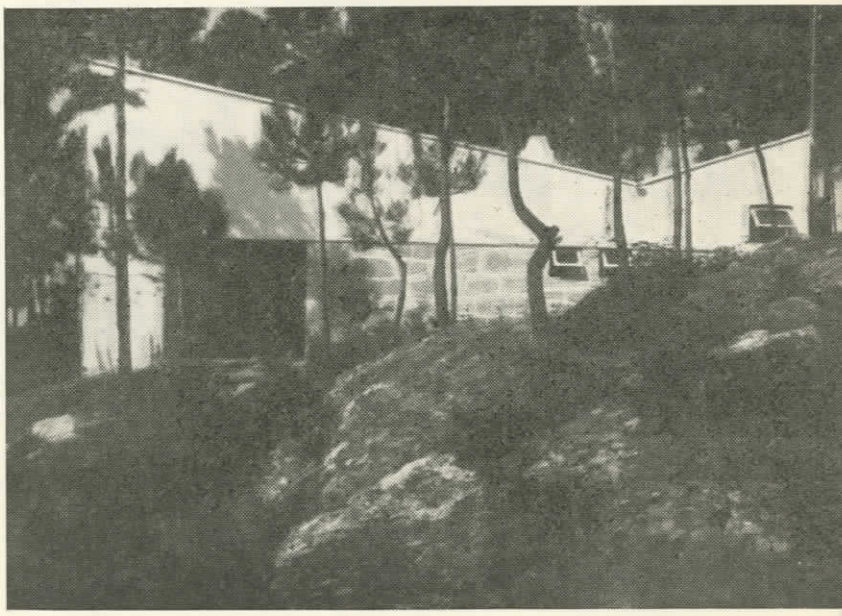
Paredes de granito, cobertura em chapa ondulada «Lusalite», tetos em chapas de aglomerado de cortiça de 0,03^{m} de aspessura, sem rebocos, caixilharia em macacauba, portas de contraplacado, lambrins de cozinha e quarto de banho em chapa de alumínio, pavimento do quarto de cama do 1.º andar em betão armado revestido a tacos de pinho, pavimentos da sala e quarto de hospedes de tijoleira.

Fogão de cozinha e aquecimento de água a gás «Cidla». Os rasgamentos do Poente são resguardados exteriormente, durante os meses em que a casa se encontra fechada com tapumes de madeira, que se retiram e arrecadam durante os meses de verão.





angulo sudoeste

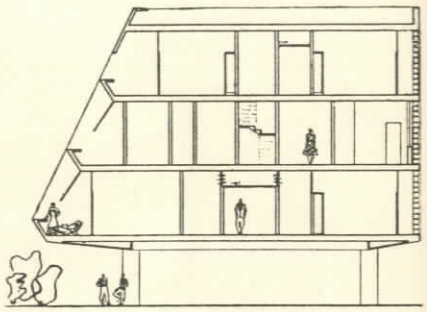


lado sul

BLOCO DE HABITAÇÕES NA PRAIA DA GAVEA BRASIL

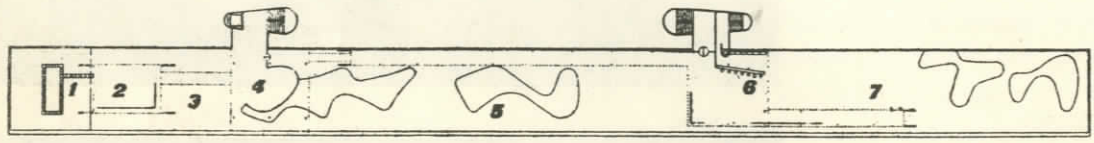
OSCAR NIEMEYER — ARQUITECTO

Este edifício, perto do Rio de Janeiro, foi planeado para uma companhia de hotéis com a finalidade de vender, retendo para si apenas o piso térreo com os seus restaurantes, bares, lavandorias e cooperativas.
Encontra-se localizado numa magnífica praia rodeada de altas montanhas a cerca de quarenta minutos do centro do Rio. Na parte habitacional, o arquitecto concebeu um sistema misto de habitações duplex e simples.
Estes andares foram feitos de forma a permitir uma melhor vista para o oceano e para as montanhas próximas.
Duas escadas soltas do edifício e um elevador, permitem o acesso aos andares superiores e fazem ligação entre o restaurante, o bar e o solarium no terraço.
Os parques automóveis e as garagens privativas facilitam a arrumação dos carros.
Nas fotografias juntas observa-se a maneira como o arquitecto enquadrou o edifício na paisagem, montagem feliz de fotografias da maquete do edifício e do local.

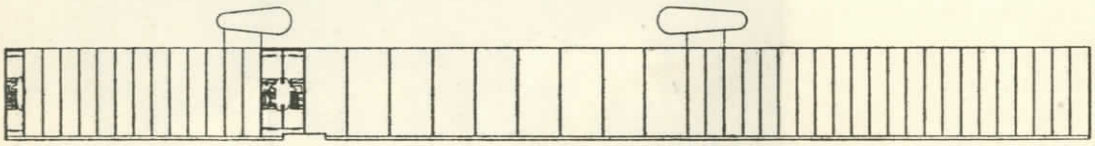


CORTE

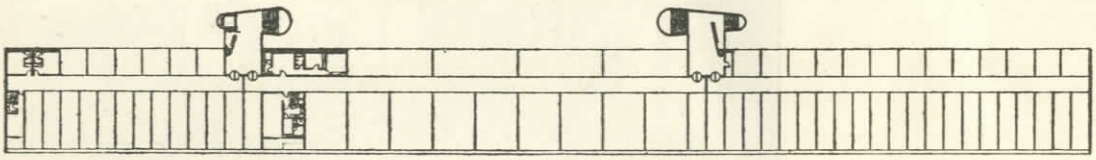
PLANTAS



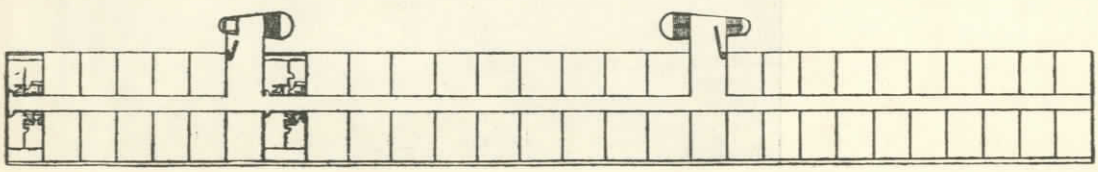
TERRAÇO



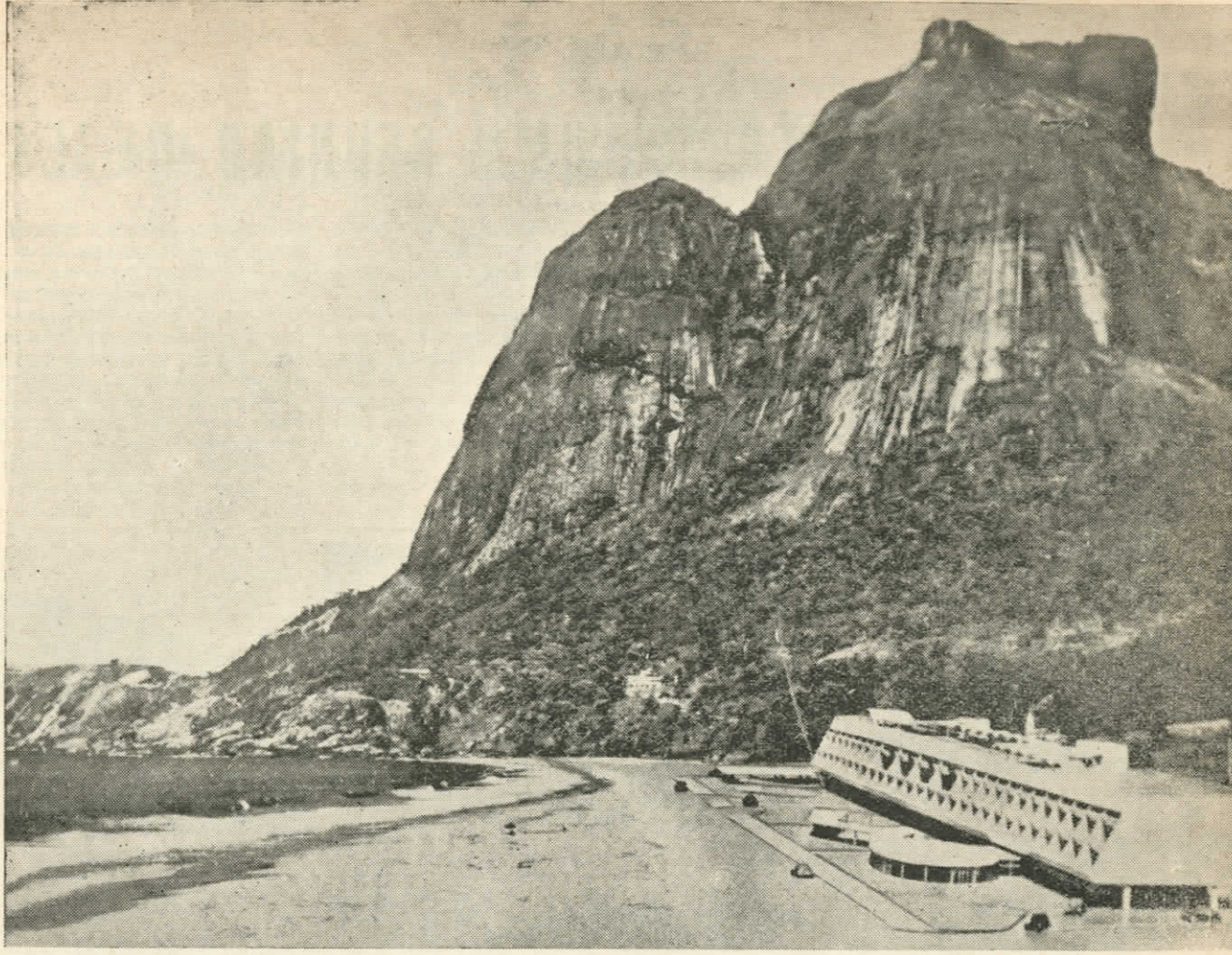
3.º PAVIMENTO

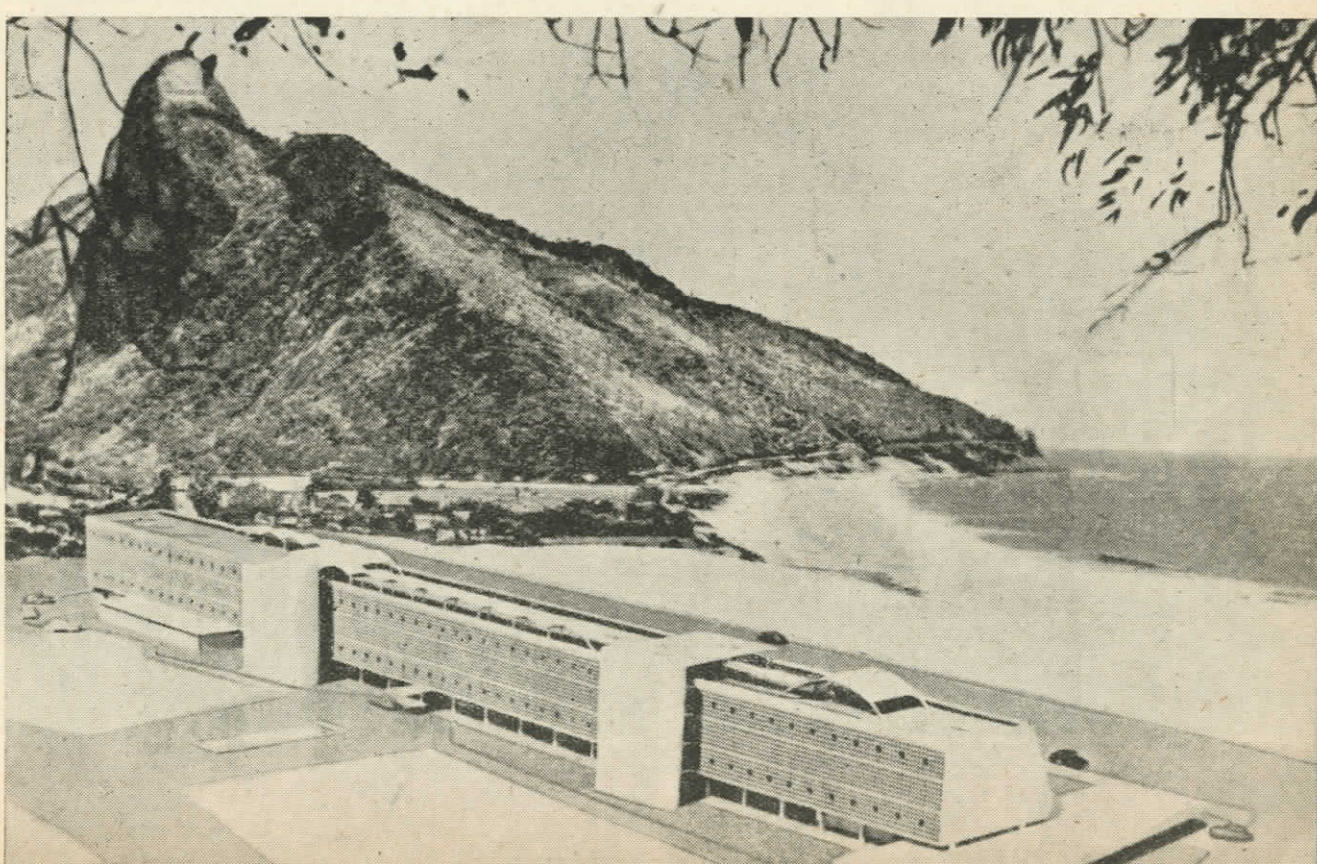


2.º PAVIMENTO



1.º PAVIMENTO



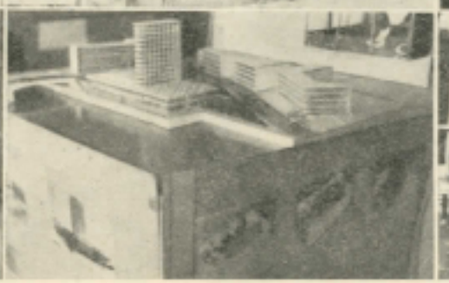


A PROPÓSITO DE UMA REUNIÃO DE ESTUDANTES DE ARQUITECTURA NA CIDADE DE LONDRES

F. TORRES E. S. B. A. L.

Integrado no FESTIVAL DA GRÃ-BRETANHA e por iniciativa da A. S. A. (ARCHITECTURAL STUDENTS ASSOCIATION), organizou-se um Congresso Internacional de estudantes, onde deviam ser tratados assuntos de arquitectura, (técnicos e escolares), e outros de ordem social. Para participar nele foram dirigidos convites pela A. S. A., aos estudantes de vários países, entre os quais o nosso.

Num programa inicial, bastante extenso, as realizações ficavam muito além das espectativas. As vantagens que nos ofereciam, eram enormes e de tal modo que provocaram a inscrição de quase cem estudantes. Agradàvelmente surpreendidos por tal facto, os nossos colegas ingleses responderam com umas pequenas alterações que lançaram a confusão entre nós. Os contactos com os organizadores do Congresso foram deficientes e as coisas não foram conduzidas com a brevidade e coope-



ração, (Lisboa-Porto), necessárias, chegando-se mesmo à desistência. Nos inscritos havia estudantes das duas Escolas de Arquitectura, tendo os do Porto agido dum modo diferente dos de Lisboa, o que nos valeu a presença de onze portugueses na reunião. E por a Associação Escolar da E. S. B. A. de Lisboa não se interessar o bastante pelo assunto e a falta do necessário apoio oficial, não admira que assim sucedesse.

A odisseia daqueles que foram, não interessa a ninguém, mas vale a pena frisar quanto é económico viajar, quando o objectivo é só um, o de adquirir conhecimentos. Para prova basta dizer que 2.500 escudos foram mais que suficientes para esta visita. O motivo deste relato não é o de descrever ou criticar o que vimos em Londres. Eu quero sobretudo salientar quanto valem organizações, como esta, de estudantes ou das suas associações. Entre nós não teve êxito o convite, precisamente, porque só quando os estudantes dessas Escolas se organizarem em Associações Escolares, participando todos nas suas actividades, conseguirão cabalmente zelar os seus interesses ou satisfazer as suas aspirações. No Porto foi o Professor Carlos Ramos que, no princípio, se interessou, depois a coisa quase morreu, o que não sucederia se houvesse um organismo académico vivo. E assim a iniciativa passou a um grupo de interessados que se reunia no mesmo café, (tudo na vida dos estudantes se passa no café...). Houve é certo, da parte dos professores da Escola do Porto, facilidades na mudança de data de exames para os que fossem a Londres. Sem nada de concreto, partimos, pois, mas tenho a manifestar o prazer que senti, e suponho que o mesmo sucedeu aos meus companheiros, na maneira amável como nos receberam os estudantes ingleses, especialmente os organizadores, de entre os quais quero referir CRHIS WHITTAKER e também às facilidades que nos concederam inesperadamente.

Sem sabermos, chegámos a Londres precisamente na vespera do Congresso começar, mas só no dia seguinte pudémos entrar em contacto com a A. S. A., para sermos integrados. Então verificámos, por um programa que nos foi distribuido, quantas reduções sofreu o projecto inicial. A primeira que nos saltou à vista, foi a falta de LE CORBUSIER, que nos era prometido no primeiro programa, depois, Ernesto ROGERS já tinha falado àcerca dos trabalhos do Congresso do CIAM. Não estava, no entanto, tudo perdido, pois, das visitas que fizemos, tirámos à compensação.

Começámos por uma visita a SOUTH BANK EXHIBITION que põe à prova todo o valor dos arquitectos modernos, ingleses, na realização dos pavilhões dedicados à agricultura, transportes terrestres e marítimos, à contribuição da G. B. para as ciências e técnica e outros pavilhões dedicados à indústria inglesa, onde se podiam admirar todas as suas mais modernas criações, desde a propulsão por jacto, televisão, até ao mais banal utensílio caseiro. E' particularmente imaginativo, o efeito decorativo obtido com estruturas metálicas e superfícies de cor. Das dificuldades do arranjo deste conjunto e da sua organização, ficámos com uma pálida ideia, num colóquio com o arquitecto HUGH CASSON que chefiou o grupo de técnicos.

No dia seguinte, visitámos umas das suas cidades satélites (HARLOW), em plena construção, com que tentam resolver o descongestionamento da Capital. Visitámos um edifício de apartamentos que, embora não seja de todo agradável, mostra bem, quanto o problema da habitação está sendo tratado sèriamente.

Durante este dia que não se passou sem a peripécia do almoço, (um tomate, um pepino, manteiga, queijo, pasteis de carne e pão), visitámos tudo quanto de melhor vimos até hoje. Merecem especial atenção as escolas que estão construindo dentro de um novo programa, em constante ampliação pelo bom resultado colhido nos exemplos construidos. Trata-se de escolas quase ou inteiramente pré-fabricadas, onde a solução dos problemas de construção aparecem tratados com uma certeza impressionante. Os novos materiais e a aplicação em novas soluções dos já exintentes, é surpreendente. A madeira, o aluminio, o ferro, a madeira prensada, o tejolo, o vidro, a omnilite, etc., são uma parcela de tudo quanto vimos aplicado, sem a preocupação de tudo aplicar. Os panos de vidro, utilizados com especial atenção, dão às escolas o grau de humanização que lhes fazia falta: a escola não tem paredes, não é fechada. E' surpreendente a utilização de uma gama restrita de cores, o vermelho, o azul, o amarelo, o verde, etc., em paredes, tetos, portas, etc., tanto interior como exteriormente. Algumas das fotografias elucidam-nos e é pena que não sejam a cores. Num outro dia, numa visita a PIMLICO, (P. HOUSING SCHEME), vimos quanto o problema da habitação merece especial atenção, quanto ao social, pois que, quanto ao habitat, não satisfaz completamente. Aqui se vê novamente a cor e a sua agradável aplicação no interior das habitações: uma parede e tecto, amarelos, uma porta vermelha, dando para onde todas as outras têm outra cor. O fornecimento de água quente, assegurado a todas as habitações, por aproveitamento de águas quentes, antes deitadas ao Tamisa por uma estação térmica, garantem uma vida cómoda e económica aos habitantes. De como e para o que arquitectura contemporânea está sendo utilizada em Inglaterra, reforça a opinião em nós formada, desde há muito, de que a arquitectura moderna é eminetemonte social e é neste campo que atinge todo o seu valor.

Uma visita à exposição de arquitectura, coloca-nos em presença de um processo de elucidação bastante singular: Põe-se em contraste os novos e velhos processos de habitar e construir e a utilização dos novos e velhos materiais, nos modernos processos de construção, tudo para todos perceberem de modo a facilitar-lhes a aceitação do chamado moderno.

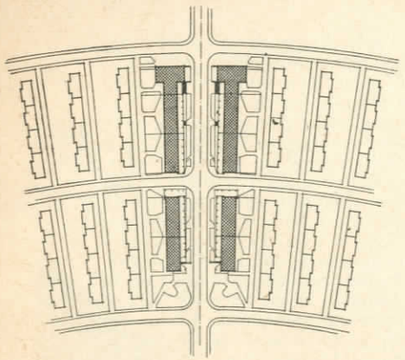
Nas visitas às escolas de arquitectura, pudemos observar quanto o ensino, neste campo, tem evoluído, despegando-se das velhas escolas adoptando os processos pedagógicos defendidos por GROPIUS, AALTO, SAARINEN e outros.

Cada trabalho escolar é feito por um grupo, (3 alunos), durando o ano inteiro, isto quanto à cadeira de arquitectura. E' estudado em todos os seus pormenores de funcionamento e construção, acompanhado o estudo com a elaboração de maquetes, experiências de materiais e mesmo execução de mobiliário de que vimos vários modelos executados e que, na maior parte das vezes, são aproveitados por empresas fabris. Só assim se adquirem os conhecimentos gerais técnicos e práticos, acompanhados de cultura geral, ginástica de imaginação e raciocínio, desenvolvimento das qualidades artísticas e do sentido estético.

Completaram a realização da A. S. A., visitas à parte antiga da cidade, espectáculos de cinema, teatro, ballet, concertos e visitas a exposições de escultura, integradas no Festival e até não se esqueceram de nos levar ao parque de diversões.

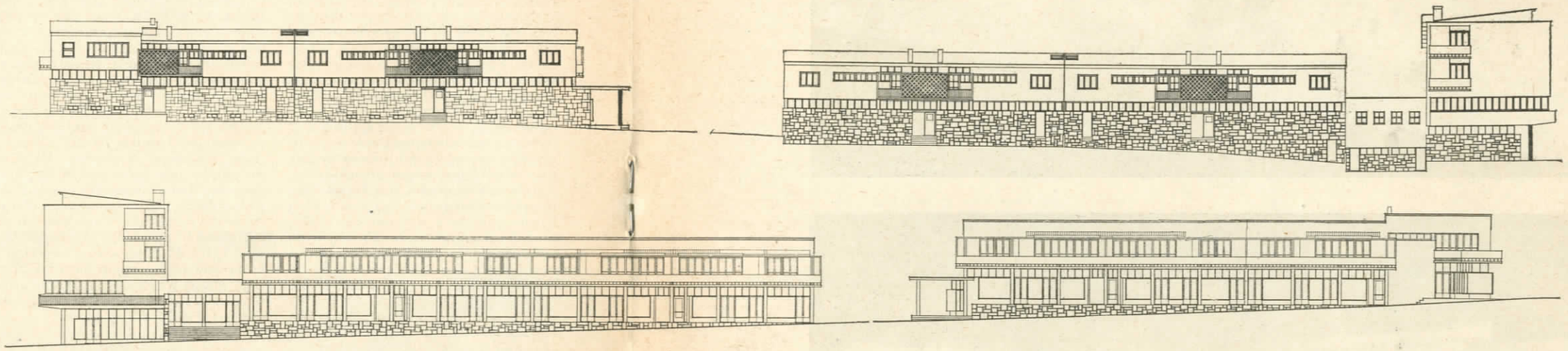
A nossa estranheza está no facto de que, organizações de estudantes a que não estamos habituados, levassem, a tão bom termo, uma reunião que serviria para estreitar os laços de amizade entre os estudantes de todos os países, se a ele não tivessem sòmente acorrido franceses, suiços, alemães, portugueses e malteses.

CONJUNTO



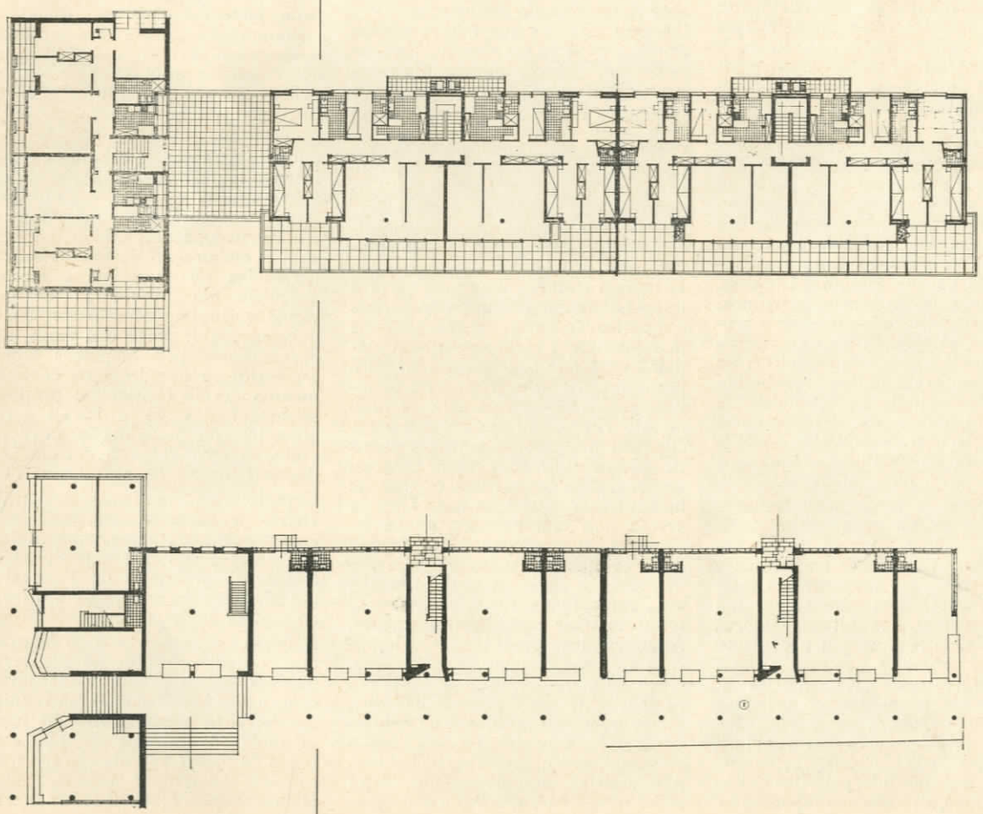
ARQ. CHORAO RAMALHO

CENTRO COMERCIAL DO BAIRRO DA AJUDA, LISBOA



ALÇADOS ESC. 1/500

PLANTAS ESC. 1/500

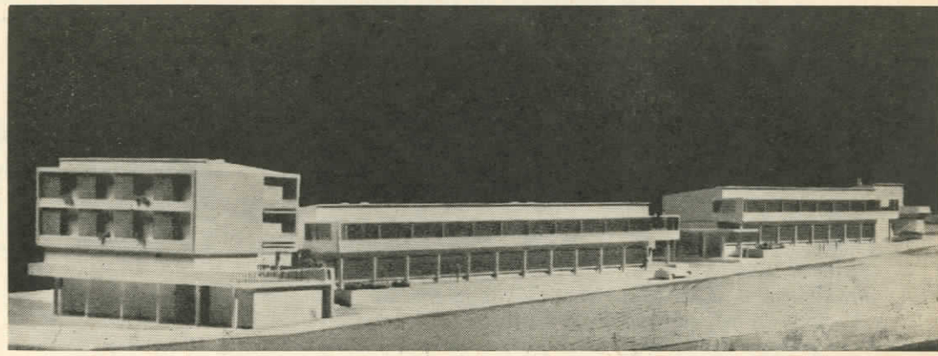


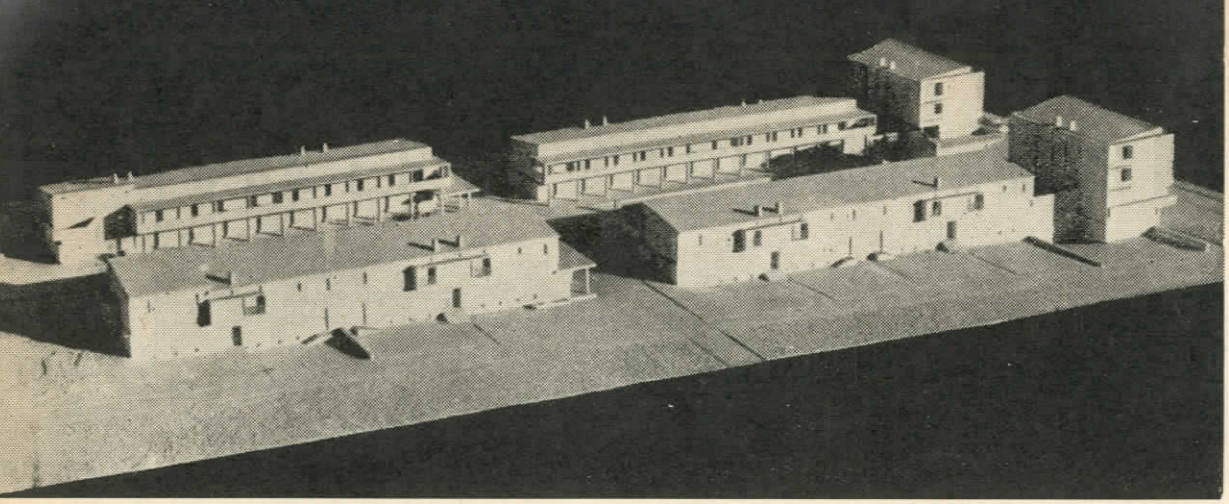
No Bairro residencial da Ajuda foi destinado um troço da Rua II para a construção de um pequeno centro comercial. Este centro comercial será constituído (conforme o programa e directrizes fornecidas pela Câmara Municipal) por edifícios cujo rés-do-chão será destinado a estabelecimentos comerciais, (lojas de comércio local) e o 1.º andar a habitações.

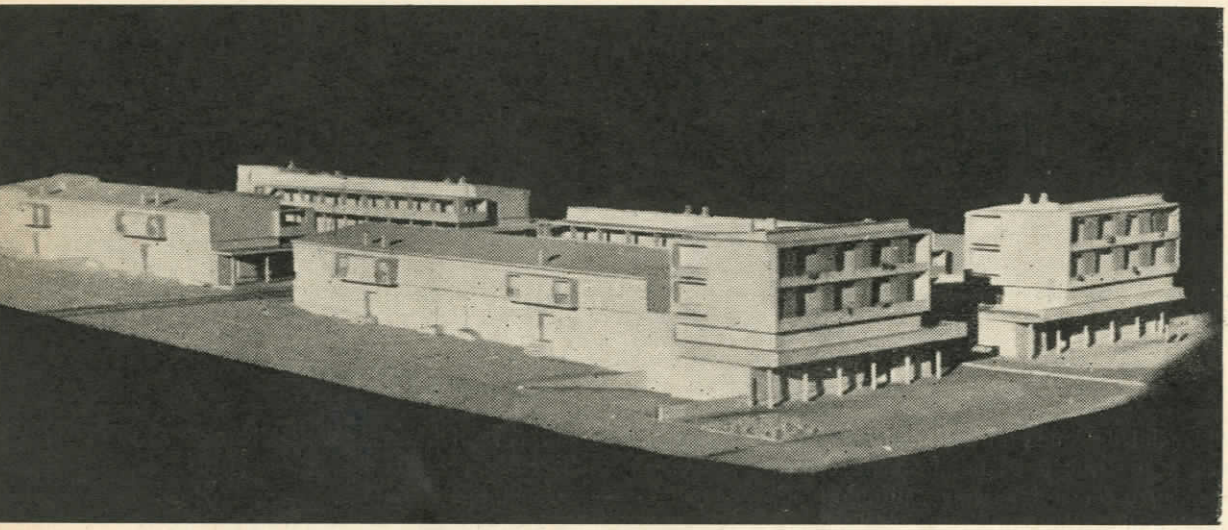
O conjunto projectado é formado por 4 blocos, paralelos à Rua II em que o rés-do-chão é totalmente ocupado por estabelecimentos comerciais, e por 2 prédios de maior volume, perpendiculares à Rua, que rematam o conjunto no topo sul. Nestes dois prédios haverá, além do rés-do-chão, ocupado igualmente por lojas, um andar destinado a outras actividades comerciais que não exigem a localização em rés-do-chão, como costureiras, cabeleireiros de senhoras, alfaiate, pequenos escritórios ou consultórios, etc., e mais 2 andares para habitação.

Na solução adoptada pretendeu-se tornar o movimento privativo dos estabelecimentos, que poderá ser bastante intenso em certas horas do dia, independente do movimento da Rua. Assim, os edifícios foram colocados sobre plataformas horizontais, independentes do trainel da Rua II e separados do passeio que margina esta Rua por uma faixa de relva.

Deste modo o movimento das lojas far-se-á sobre as plataformas, que tem a largura média de 4m,5 e são em







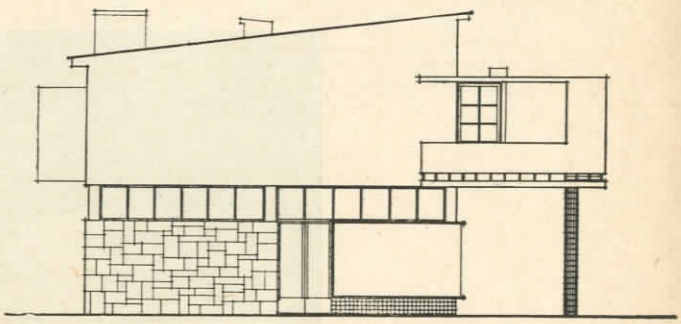
grande parte abrigadas pelas varandas das habitações, que formam em toda a extensão de cada bloco uma galeria coberta.

O número de lojas a prever para este Bairro, baseado na percentagem por habitante actualmente verificada em Lisboa, vai um pouco além daquelas que, com dimensões médias, e em razoáveis condições de desafogo poderão instalar-se neste local.

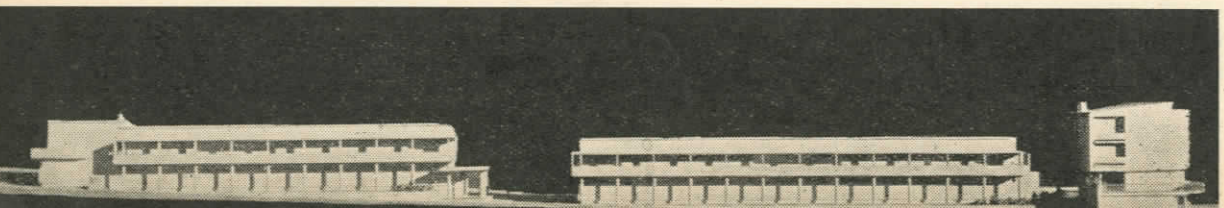
Esta estimativa considerou-se no entanto bastante contingente e por outro lado pareceu arriscado construir lojas de dimensões arbitrárias que poderão não corresponder exactamente às exigências de área dos futuros ocupantes.

Procurou-se portanto encontrar uma solução com elasticidade tal que permitisse a instalação de lojas com qualquer extensão de fachada, isto é, que permitisse ao proprietário do prédio alugar precisamente o espaço que o lojista precise, sem que tal venha a implicar obras de alteração da estrutura ou afectar o conjunto estético.

Essa solução consistiu em projectar uma estrutura de betão constituída por pilares que suportam o pavimento



ALÇADO LATERAL 1/200



das habitações formando assim uma área coberta livre que é apenas interceptada pelas habitações.

A divisão das lojas apresentadas nas plantas corresponde apenas a uma solução de princípio podendo o construtor apresentar as alterações necessárias para uma melhor adaptação às necessidades dos pretendentes com quem entre em contacto.

Admitindo que de início não haja construtores pretendentes à compra de todos os prédios projectados, e considerando que cada um dos blocos constitui uma unidade, embora formada por 2 ou 3 lotes, reconhece-se indispensável que a venda seja feita por fases de forma que a parte construída constitua sempre um conjunto agradável.

Este propósito será atingido se os lotes forem postos em praça pela seguinte ordem:

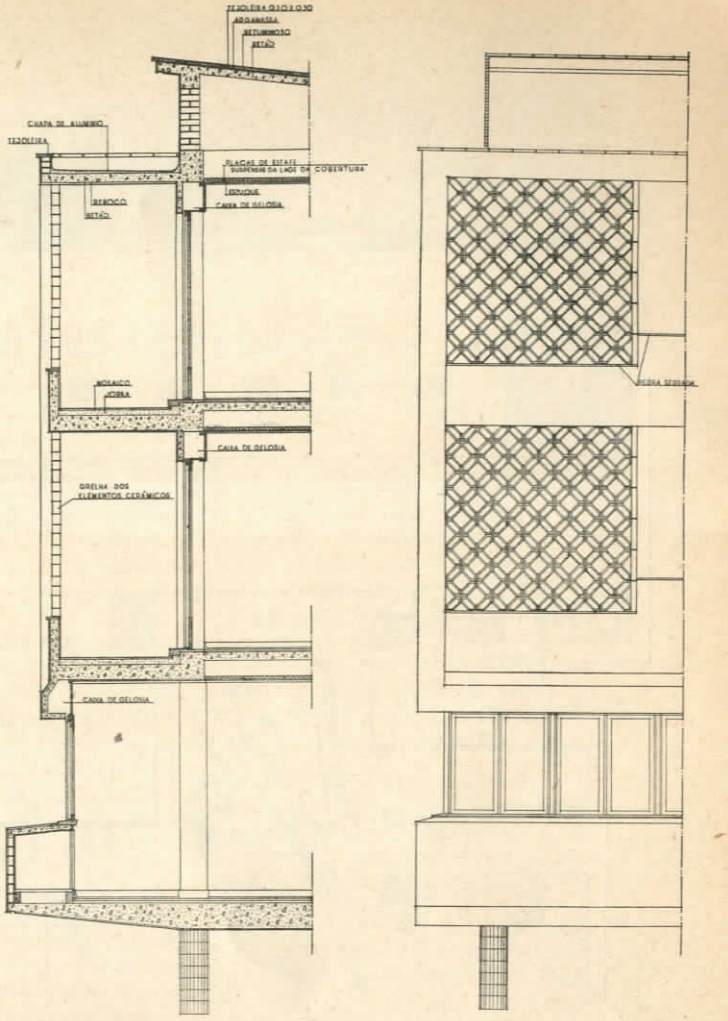
1.º — lotes 1, 3, 5 e 2, 4, 6 que constituem os primeiros blocos do lado sul.

2.º — lotes 7, 9 e 8, 10.

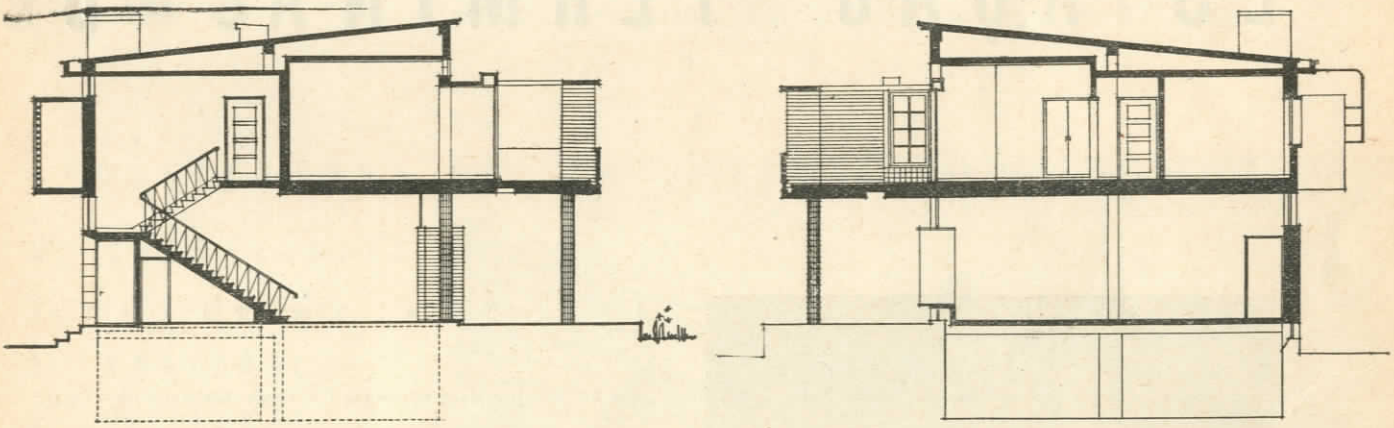
Para um bom aproveitamento do espaço e maior valorização das lojas projectaram-se caves que serão destinadas exclusivamente a arrecadações dessas lojas. Como o nível do terreno é em média mais baixo do que a Rua e o pavimento do rés-do-chão ficará nalguns pontos bastante elevado em relação ao nível da Rua, a construção das caves torna-se económica porque consiste pràticamente no aproveitamento da elveção determinada pelo partido geral do conjunto.

As habitações projectadas no 1.º andar correspondem às necessidades da família da classe média com filhos dos dois sexos e criada. Terão, além de duas salas que podem funcionar independentemente ou em comum, 3 quartos de cama, quarto de banho e uma retrete independente, cozinha, despensa e quarto de criada com banho. Nos dois blocos orientados a sul o programa foi reduzido, suprimindo-se uma das salas e o quarto da criada. Estas habitações terão portanto uma sala comum, 3 quartos, casa de banho e cozinha.

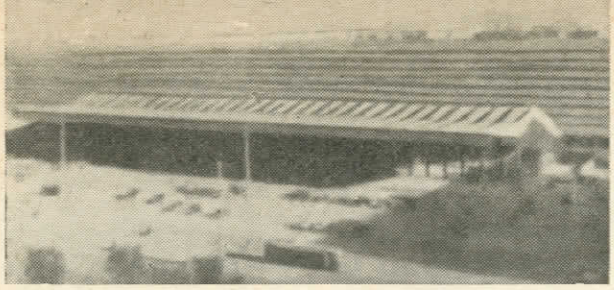
Todas as habitações têm ao longo da fachada principal uma larga varanda que constitua pràticamente o prolongamento da zona de estar e supre de certo modo a falta de jardim privativo.

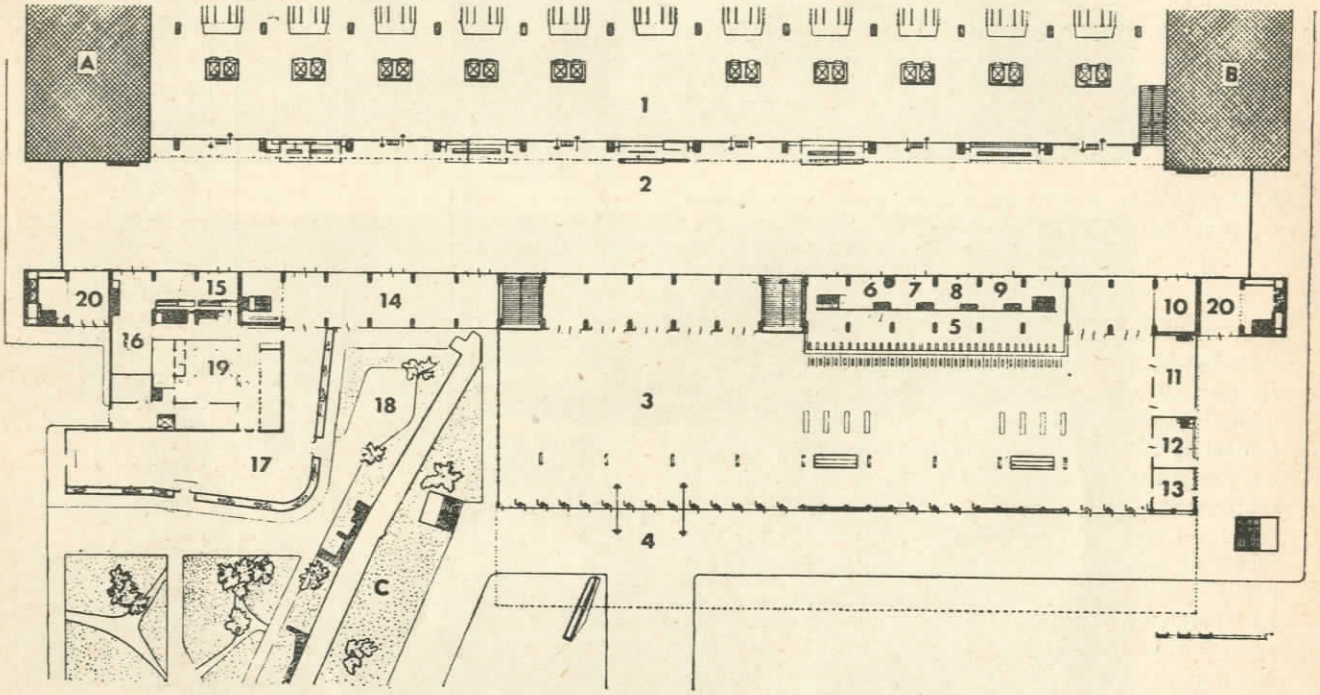


PORMENOR DO CORTE E ALÇADO

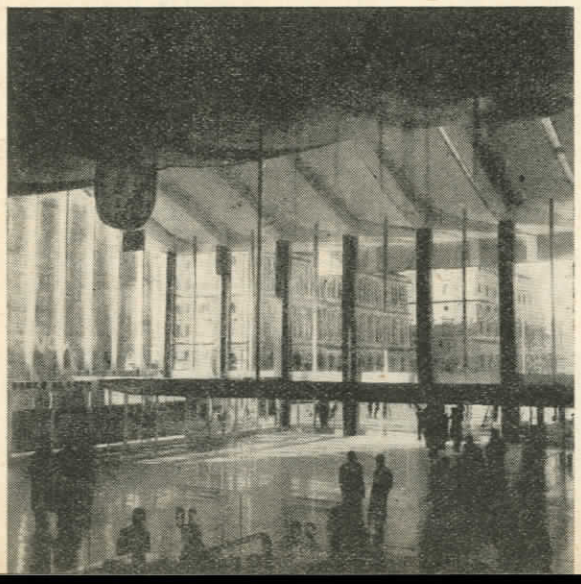


CORTES TRANSVERSAIS, ESC. 1/200





ESTAÇÃO TERMINAL DE



LEGENDA DA PLANTA

A e B — Alas laterais já existentes; C — «Agger Servianus»; 1 — Cais; 2 — Hall de acesso ao cais; 3 — Hall das bilheteiras; 4 — Coberto; 5 — Bilheteiras; 6 — Cambista; 7 — Florista; 8 — Fotógrafo; 9 — Farmácia; 10 — Bazar; 11 — Correios; 12 — Agência de Banco; 13 — Turismo; 14 — Bebidas; 15 — Bufete; 16 — Restaurante económico 17 — Restaurante; 18 — Jardim; 19 — Cozinha; 20 — Escada de acesso aos escritórios.

PLANTA

ROMA

ARQUITECTOS:

M. CASTELLAZZI

V. FADIGATI

E. MONTUORI

A. VITELLOZI

ENGENHEIROS:

L. CALINI

A. PINTONELLO

Em 1947, cincoenta concorrentes apresentaram ptojectos para uma nova Terminal de Roma. Este edifício devia completar as duas alas já existentes, construídas em 1941, e comportarem já o serviço de bagagens, espera, escritórios, P. T. T., lavabos, etc. ...

As condições do concurso foram as seguintes: prolongamento das vias 50 metros em relação com as novas bilheteiras e o novo restaurante de Plozza; entrada e saída pela parte central; hall de acesso com uma largura mínima de 20 metros. Arranjo de duzentos escritórios com 4.800 metros quadrados de superfície total nos andares superiores, em ligação com os escritórios já existentes nas alas laterais; conservação integral do muro romano denominado «Agger Servianus»; criação em sub-solo dum hotel «de dia» completo; estabelecimento duma comunicação para passagens e escadas subterrâneas para ligação com o metropolitano em construção; sob as vias, criação de corredores subterrâneos de serviço servidos por monta cargas.

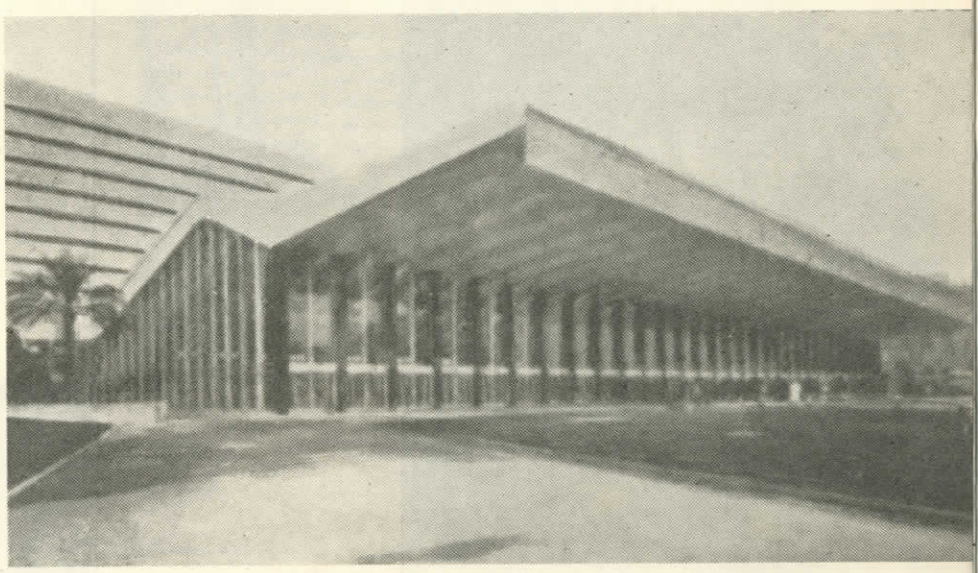
Duas equipas de arquitectos tiveram o primeiro prémio ex-aequo. A primeira equipa compreendiam o arquitecto Eugénio Montuori o engenheiro Leon Can; a segunda equipa os arquitectos Massimo Castellazzi, Vasco Fadigati e Annibale Vitellozi, com a colaboração do engenheiro Achille Pintonello. O projecto definitivo foi finalmente executado pelas duas equipas reunidas. A estação foi começada em 1947 terminada em 1950 e inaugurada em 20 de Dezembro de 1950.

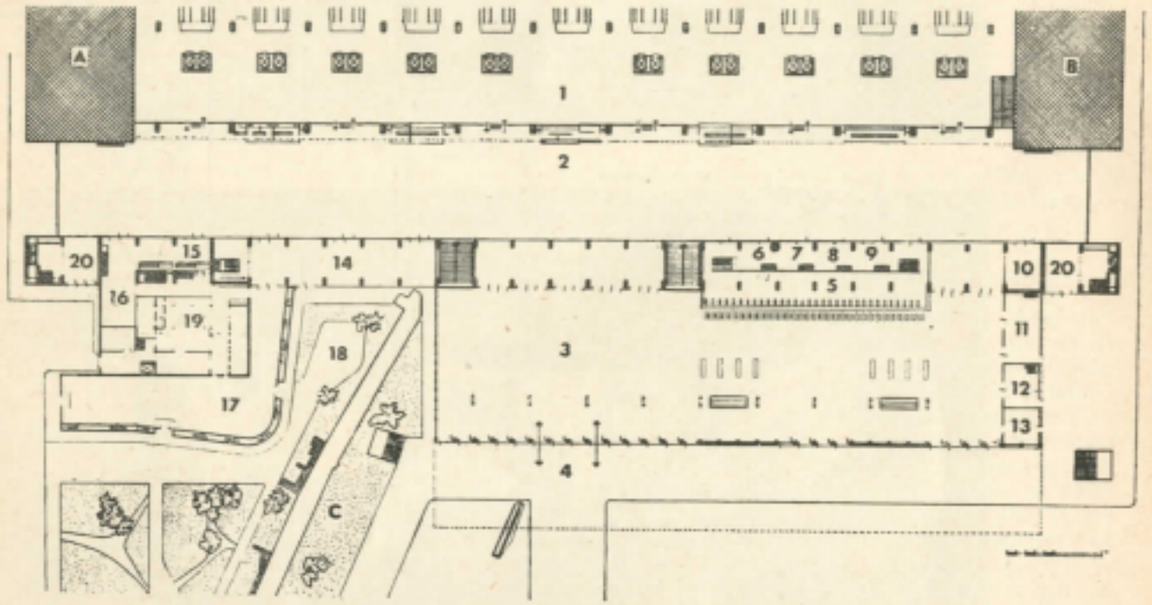
Conceberam e realizaram um edifício frontal de linhas sóbrias mas elegantes exprimindo por meio de volumes simples as funções da estação utilizando materiais claros, limpos e sólidos. A sua ossatura de betão armado é revestida de *travertin* e de granito. A secção das vigas (20 cm. de lado para um entre-eixo de 3 m. aproxidamente), foi reduzida ao mínimo para as tornar o menos visível possível. As vigas curvas que fazem parte da cobertura do hall das bilheteiras são também de betão armado. Sòmente, o hall de acesso é feito com peças metálicas revestidas de alumínio. Outras características: as vigas metálicas que suportam o tecto de metal têm sensivelmente 22 metros de comprido e são espaçadas de 4 metros.

Os escritórios foram distribuídos por cinco andares de modo a comportarem 400 empregados. Eles são servidos por duas escadas 4 ascensores e uma escada de salvação em cada extremidade.

As janelas foram distribuídas por duas ordens, uma à altura dos olhos, e outra junta ao tecto; a sua superfície corresponde a um sexto da superfície do pavimento.

Os tabiques de separação são amoviveis e de facílimo manejo.





ESTAÇÃO TERMINAL DE ROMA

PLANTA

Em 1947, cincoenta concorrentes apresentaram ptojectos para uma nova Terminal de Roma. Este edifício devia completar as duas alas já existentes, construidas em 1941, e comportarem já o serviço de bagagens, espera, escritórios, P. T. T., lavabos, etc. ...

As condições do concurso foram as seguintes: prolongamento das vias 50 metros em relação com as novas bilheteiras e o novo restaurante de Plozza; entrada e saida pela parte central; hall de acesso com uma largura minima de 20 metros. Arranjo de duzentos escritórios com 4.800 metros quadrados de superficie total nos andares superiores, em ligação com os escritórios já existentes nas alas laterais; conservação integral do muro romano denominado «Agger Servianus»; criação em sub-solo dum hotel «de dia» completo; estabelecimento duma comunicação para passagens e escadas subterrâneas para ligação com o metropolitano em construção; sob as vias, criação de corredores subterrâneos de serviço servidos por monta cargas.

Duas equipas de arquitectos tiveram o primeiro prémio ex-aequo. A primeira equipa compreendiam o arquitecto Eugénio Montuori o engenheiro Leon Can; a segunda equipa os arquitectos Massimo Castellazzi, Vasco Fadigati e Annibale Vitellozi, com a colaboração do engenheiro Achille Pintonello. O projecto definitivo foi finalmente executado pelas duas equipas reunidas. A estação foi começada em 1947 terminada em 1950 e inaugurada em 20 de Dezembro de 1950.

Conceberam e realizaram um edificio frontal de linhas sóbrias mas elegantes exprimindo por meio de volumes simples às funções da estação utilizando materiais claros, limpos e sólidos. A sua ossatura de betão armado é revestida de *travertin* e de granito. A secção das vigas (20 cm. de lado para um entre-eixo de 3 m. aproxidamente), foi reduzida ao mínimo para as tornar o menos visivel possivel. As vigas curvas que fazem parte da cobertura do hall das bilheteiras são também de betão armado. Sòmente, o hall de acesso é feito com peças metálicas revestidas de alumínio. Outras características: as vigas metálicas que suportam o tecto de metal têm sensivelmente 22 metros de comprido e são espaçadas de 4 metros.

Os escritórios foram distribuidos por cinco andares de modo a comportarem 400 empregados. Eles são servidos por duas escadas 4 ascensores e uma escada de salvação em cada extremidade.

As janelas foram distribuidas por duas ordens, uma à altura dos olhos, e outra junta ao tecto; a sua superficie corresponde a um sexto da superficie do pavimento.

Os tabiques de separação são amoviveis e de facilimo manejo.

LEGENDA DA PLANTA

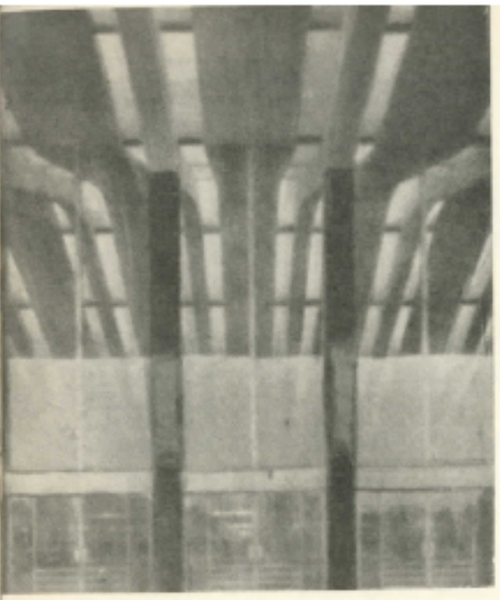
A e B — Alas laterais já existentes; C — «Agger Servianus»; 1 — Cais; 2 — Hall de acesso ao cais; 3 — Hall das bilheteiras; 4 — Coberto; 5 — Bilheteiras; 6 — Cambista; 7 — Floriste; 8 — Fotógrafo; 9 — Farmácia; 10 — Bazar; 11 — Correios; 12 — Agência de Banco; 13 — Turismo; 14 — Bebidas; 15 — Bufete; 16 — Restaurante económico 17 — Restaurante; 18 — Jardim; 19 — Cozinha; 20 — Escada de acesso aos escritórios.

ARQUITECTOS:

M. CASTELLAZZI
V. FADIGATI
E. MONTUORI
A. VITELLOZI

ENGENHEIROS:

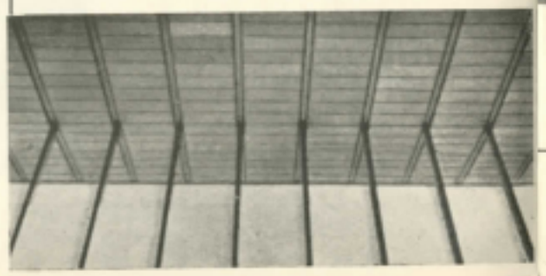
L. CALINI
A. PINTONELLO



2

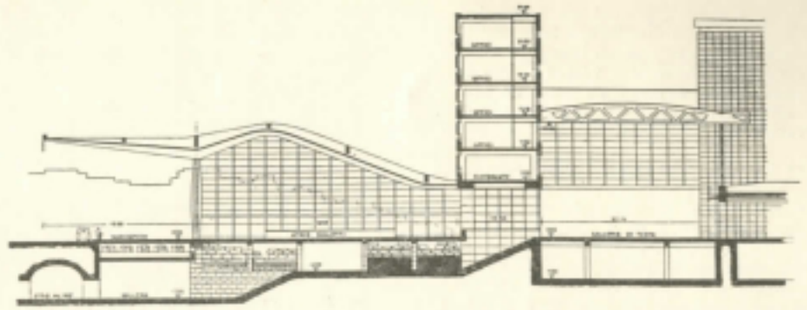
3

4



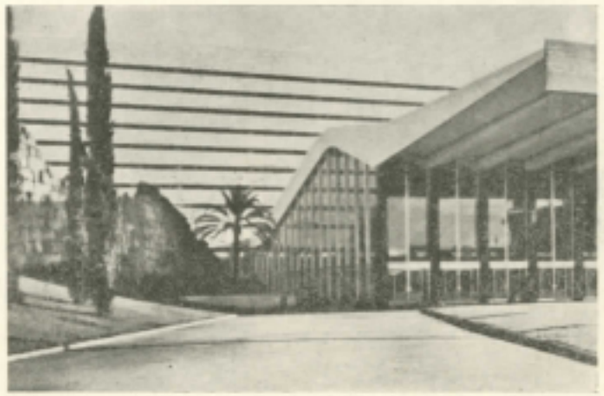
5

CORTE TRANSVERSAL



1 — Pormenor do coberto e da entrada; 2 — Vista interior do hall das bilheteiras; 3 — Vista exterior mostrando o muro romano conservado, o bloco dos escritórios e o envidraçado lateral do hall das bilheteiras; 4 — Hall de acesso ao cais; 5 — Pormenor do envidraçado do hall de acesso ao cais; 6 — Coberto de betão translúcido; 7 — Vista exterior.

6



7

BIENAL DE S. PAULO — EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITECTURA

Integrada na I Bienal de S. Paulo realizou-se de Outubro a Dezembro de 1951 uma exposição internacional de arquitectura com vários prémios pecuniários e mensões para arquitectos estrangeiros e nacionais ou residentes no Brasil.

O júri de premiação da exposição constituído pelo professor Siegfried Giédion, de Zurich, pelo professor Junzo Sakakura, de Tókio, pelo professor Mario Pani, do México e pelos arquitectos Eduardo Kneese de Mello e Francisco Beck, atribuiu assim os prémios e mensões:

Grande Prémio Internacional de Arquitectura: Cr. $100.000 — LE CORBUSIER, Arq.
Este prémio foi atribuído tendo o júri tomado em conta o significado mundial da sua obra perante o desenvolvimento da arquitectura contemporânea e sobretudo perante a influência creadora na arquitectura moderna no Brasil.

Prémio para estrangeiros não residentes no Brasil: Cr. $50.000 — Pier Luiz NERVI, Eng.

O júri considerou da mais alta importância encorajar a obra do engenheiro e quis assim prestar homenagem merecida à obra deste técnico italiano.

Prémio para o projecto de habitação: Cr. $50.000 — Lúcio COSTA, Arq. ex-aequo com Henrique MINDLIN, Arq.

O primeiro apresentou o projecto do grupo «Parque Guinle» (habitações colectivas), tendo sido destinguida a simplicidade do plano, o emprego prodente e eficaz da cor e a sua integração na paisagem.

No projecto de MINDLIN foi apreciada a solução dos pisos a vários níveis e o prolongamento do espaço exterior por meio dum terraço coberto.

Prémio para o projecto de edfício de Uso Público: Cr. $50.000 — Rino LEVI, Arq. ex-aequo com Alvaro VITAL BRASIL, Arq.

Na atribuição do prémio do projecto da Maternidade Universitária de S. Paulo o júri quis assinalar a solução complexa do problema da realização dum hospital tendo em consideração, também, a solução tão exacta e eficaz encontrada pelo mesmo arquitecto para o Hospital do Cancro em S. Paulo.

Foram colaboradores de Rino LEVI: A. Pestalozzi e Roberto Cerqueira Cesar.

No projecto de VITAL BRASIL para o edifício central do Banco de Lavoura de Minas Gerais em Bello-Horisonte, foi reconhecida a solução engenhosa do plano assim como a pureza da expressão plástica. No entanto, o júri criticou severamente o motivo decorativo comercial em contraste com o espírito do edifício.

Prémio para o projecto do edifício de uso técnico ou industrial: Cr. $50.000 — Oscar NIEMEYER, Arq. (com a colaboração de o Arq. Helio Uchôa). Fábrica em S. Paulo.

Ao conferir este prémio o júri quis assinalar o valor desta construção capaz de crear, com uma fábrica, uma grande obra de arquitectura em perfeita cooperação com a técnica da engenharia, creando, ao mesmo tempo, um local digno para trabalhadores.

Prémio para o projecto de organização de grandes áreas: Cr. $50.000 — Afonso Eduardo REIDY:
O júri atribuindo ao projecto do grupo residencial de Pedregulho (Rio), considerou esta solução como um exemplo para o Brasil e como uma audaciosa solução da habitação. Esta solução constitue simplesmente um exemplo do que se deve fazer para a formação duma cidade. O júri lastimou que a obra se encontre no meio de construções anárquicas já existentes.

Prémio para a melhor solução de estrutura: Cr. $10.000 — Joaquim CARDOSO, Eng., pela sua actividade.

Prémio para estudantes de arquitectura — O júri confiou ao Museu de Arte Moderna de S. Paulo a atribuição do prémio.

Mensão especial — Oswaldo Artur BRATKE Arq., pelo projecto de habitação em Morembi (S. Paulo).

Mensões — Paulo Antunes RIBEIRO, Arq., projecto para o edifício de escritórios em Salvador, Jorge FERREIRA, Arq., projecto para um pavilhão de refeitório; Icaro de CASTRO MELLO, projecto dum ginásio em Sorocaba (Este de S. Paulo).

De assinalar a consagração de LE CORBUSIER como grande percursão da Arquitectura contemporânea, principalmente pelo seu trabalho de creação e adaptação de arquitectura e urbanismo modernos. Enviou à Bienal três lotes de fotografias contendo «L'Unité d'Habitation de Marseille, la Chapelle de Ronchamp, le Musée de la Connaissance. A escolha das fotografias foi feita de maneira a por em realce não o carácter racional ou técnico das suas obras, mas o seu potencial plástico e poético.

Foi o industrial FRANCESCO MATTARAZZO de S. Paulo que creou estes prémios, o que no campo da arquitectura não é normal, pois dum modo geral, os prémios e honorabilidades que pelo mundo inteiro se distribuem são sempre criados por associações ou academias.

O júri da exposição elaborou uma nova forma de distribuição de prémios, com a qual aquele industrial concordou plenamente, e que, entre outros, criou o Grande Prémio Internacional de Arquitectura de significação idêntica ao do Prémio Nobel e que pode vir a ser atribuído mesmo a um arquitecto que não tenha concorrido à exposição da Bienal.

LE CORBUSIER

(Continuação da página 4)

estética. A sua divulgação foi possível devido ao auxílio — na qualidade de análises — de fórmulas simplificadas, muito vantajosas relacionadas com uma eventual economia de tempo, mas no entanto, aplicáveis com atenção e sob condições bem determinadas.

A adopção inteligente de tais fórmulas e o uso maior e com mais urgência de tabelas e gráficos que condensam precedentes estudos teóricos — para os quais por outra parte faltaria, de momento, tempo para dedicar-se — e finalmente a introdução, cada vez mais ampla, da prova experimental sobre modelos, facilitou o projecto de tipos estruturais completamente novos, tais como a ***membrana*** usada geralmente em cobertura (abóbada delgada e cúpula).

Estas comportam-se tal como membranas flexíveis, de espessuras muito pequenas em relação aos vãos. Encontram o seu equilíbrio num sistema de forças sobre o plano tangente; equilíbrio elástico que está, por consequência, ligado à sua própria forma geométrica.
Como se depreende, é característica notável das referidas estruturas — também chamadas «***superfícies autoportantes***» — a extrema ligeireza em relação com o espaço livre a cobrir, tendo, em proporção, um peso consideràvelmente baixo.

As suas maiores vantagens referem-se à conservação assim como à resistência ao fogo e às explosões (experimentada na Alemanha durante a última guerra).

Os seus inconvenientes, na sua maior parte, correspondem ao factor ***tempo***, por um maior emprego deste, em comparação com o que acontece com as outras estruturas. Emprego de tempo que se subdivide — de forma variável conforme os casos — quer seja na fase do ***projecto***, devido aos longos cálculos, apesar de serem facilitados pela rápida ***aritmeticação*** das operações (emprego de máquinas, de calcular ultra-rápidas e de tabelas e fórmulas simplificadoras) para a ***colocação das armaduras*** (a recente adopção do aço soldado parece, por outro lado, reduzir consideràvelmente o tempo) e, finalmente, nos moldes e suportes para a betonagem. Com respeito a isto obtiveram-se resultados econòmicamente satisfatórios com «cofragens deslizantes» ou, melhor ainda com «moldes standard» de aço com vãos fixos ou variando modularmente, caríssimos, no entanto, no caso de serem empregados uma só vez.

Isto, porém, não limita de modo algum a fantasia — como poderia objectar-se — no projecto livre das formas arquitectónicas. No que se refere aos tipos de coberturas tipo membrana pode-se aludir à transformação das abóbadas cilíndricas e das abóbadas de translação em abóbadas de dupla curvatura (conoides e paraboloides hiperbólicos), e em fim — através das superfícies de rotação — em cúpula (cúpula de translação, e cúpula de rota-

(Continuação da página 4)

estética. A sua divulgação foi possível devido ao auxílio — na qualidade de análises — de fórmulas simplificadas, muito vantajosas relacionadas com uma eventual economia de tempo, mas no entanto, aplicáveis com atenção e sob condições bem determinadas.

A adopção inteligente de tais fórmulas e o uso maior e com mais urgência de tabelas e gráficos que condensam precedentes estudos teóricos — para os quais por outra parte faltaria, de momento, tempo para dedicar-se — e finalmente a introdução, cada vez mais ampla, da prova experimental sobre modelos, facilitou o projecto de tipos estruturais completamente novos, tais como a ***membrana*** usada geralmente em cobertura (abóbada delgada e cúpula).

Estas comportam-se tal como membranas flexíveis, de espessuras muito pequenas em relação aos vãos. Encontram o seu equilíbrio num sistema de forças sobre o plano tangente; equilíbrio elástico que está, por consequência, ligado à sua própria forma geométrica.
Como se depreende, é característica notável das referidas estruturas — também chamadas «***superfícies autoportantes***» — a extrema ligeireza em relação com o espaço livre a cobrir, tendo, em proporção, um peso consideràvelmente baixo.

As suas maiores vantagens referem-se à conservação assim como à resistência ao fogo e às explosões (experimentada na Alemanha durante a última guerra).

Os seus inconvenientes, na sua maior parte, correspondem ao factor ***tempo***, por um maior emprego deste, em comparação com o que acontece com as outras estruturas. Emprego de tempo que se subdivide — de forma variável conforme os casos — quer seja na fase do ***projecto***, devido aos longos cálculos, apesar de serem facilitados pela rápida ***aritmeticação*** das operações (emprego de máquinas, de calcular ultra-rápidas e de tabelas e fórmulas simplificadoras) para a ***colocação das armaduras*** (a recente adopção do aço soldado parece, por outro lado, reduzir consideràvelmente o tempo) e, finalmente, nos moldes e suportes para a betonagem. Com respeito a isto obtiveram-se resultados econòmicamente satisfatórios com «cofragens deslizantes» ou, melhor ainda com «moldes standard» de aço com vãos fixos ou variando modularmente, caríssimos, no entanto, no caso de serem empregados uma só vez.

Isto, porém, não limita de modo algum a fantasia — como poderia objectar-se — no projecto livre das formas arquitectónicas. No que se refere aos tipos de coberturas tipo membrana pode-se aludir à transformação das abóbadas cilíndricas e das abóbadas de translação em abóbadas de dupla curvatura (conoides e paraboloides hiperbólicos), e em fim — através das superfícies de rotação — em cúpula (cúpula de translação, e cúpula de rota-

ção). Tipos estes, usados de uma forma variável, conforme as características e os requisitos do tema arquitectónico em exame.

Quais serão as novas formas que poderemos ter amanhã, como consequência das mais adiantadas investigações estruturais ?

A incerteza em que se debate o processo sintético dos projectos relativos; o desconhecimento das exigências sociais futuras e, finalmente a evidente impossibilidade de antecipar orientações estáticas, não nos permitem fazer previsões que certamente resultariam débeis. Interessa mais observar a forma como a tendência diária para identificar o projecto arquitectónico num apuro artístico de aperfeiçoada conquista técnico-científica e das mais adiantadas conquistas culturais e sociais, é já uma garantia de resultados fecundos no futuro.

Poderia ser atractivo — usando a metodologia e a linguagem próprias da matemática dos nossos dias — considerar o projecto de novas estruturas como sendo a resolução de outras tantas curvas geométricas com o ***cálculo das variações.***

Tal método — que no caminho da ciência dispõe de amplas possibilidades — traduz efectivamente, com hipotética e disciplinada variação, a lei do fenómeno).

Isto poderá também levar a uma aproximação maior entre ***análise*** e ***síntese***, mas nunca será suficiente.

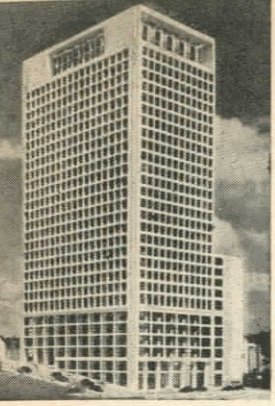
Para que seja possível chegar-se a uma verdadeira e completa fusão do projecto e da construção num ***«vehicle of personal expression»***, deverá acima de tudo, ser promovida, aquela intuição criadora da estrutura, que é condição indispensável para ter formas naturais, e direi ainda, quase palpitantes, sensivelmente, de vida interna.

Eis aqui, portanto, para o arquitecto a necessidade de uma cada vez mais profunda preparação técnica — integração e apoio da presuposta qualidade essencial do artista — e da fecunda colaboração com o engenheiro, sobre uma base de sincera e recíproca estima.

Isto permitir-lhe-á manter o seu papel de criador de formas e de espaços e de coordenador de especialistas, tornando a tomar — num novo e mais moderno humanismo — as funções de Arquitecto — Artista — Homem de Ciência — Engenheiro do nosso Renascimento.

No campo da educação e portanto do ensino será igualmente um dever induzir — com liberdade de intelecto e pureza de coração — uma aproximação maior à técnica compreendida como estudo das leis divinas do mundo físico; mundo físico que para nós está em harmonia sublime com um mundo moral mais elevado.

Bolonha, Dezembro de 1950



S. Paulo — Brasil; a mais recente obra de arquitectura construída em S. Paulo. O seu desenho, idealizado pelo engenheiro Nyemeier, o mesmo que projectou o edifício das Nações Unidas em Nova York, é extraordinário pela estranha levesa que aparenta à vista a sua estrutura. Esta obra, como modelo, tem tido muitos apreciadores, e o seu estilo já se encontra registado nos catálogos mundiais de engenharia, como sendo a moderna «Arquitectura Brasileira».

A notícia e a fotografia vem publicadas no «Almanaque Bertrand» de 1952 e não as queremos deixar passar sem umas ligeiras correcções que são:

a) não se idealizam desenhos de arquitectura, mas sim obras de arquitectura.

b) quem concebeu esta obra foi o arquitecto LUCJAN KORNGOLD e não NIEMEYER.

c) NIEMEYER não é engenheiro, é arquitecto.

d) NIEMEYER não projectou o edifício da ONU, tendo, sim, colaborado nos estudos prévios realizados com arquitectos de vários países.

e) esta obra não tem tido apreciadores como modelo, mas sim pelo seu valor, dentro da nova Arquitectura Brasileira.

f) não há catálogos mundiais, nem nacionais, de engenharia com obras de arquitectura.

g) também não há (esclarecemos) catálogos de arquitectura para registo de estilos.

Salvo estas ligeiríssimas correcções o restante está certo, menos NIEMEYER que não se escreve NYEMEIER.

Recebemos dos Serviços Técnicos das «Habitações Económicas — Federação das Caixas de Previdência» uma carta com o pedido de publicação de esclarecimentos *às dúvidas expostas na parte final dum artigo do último número da revista, relativo à não atribuição do 6.º e 7.º prémios no concurso, já realizado, para Viana do Castelo.*

Transcrevemos: «O juri desse concurso, constituído pelo Presidente desta Federação, pelo Engenheiro-Chefe dos Serviços Técnicos, pelo Arquitecto da Federação, por um arquitecto delegado do Sindicato Nacional dos Arquitectos e por um arquitecto representante dos concorrentes, foi de parecer *unânime* que dos projectos apresentados, cinco não estavam em condições de lhes ser atribuído prémio; dois por falta de qualidades técnicas que permitissem considerá-los simplesmente como aceitáveis, e três por excederem largamente (20% num dos casos) o custo máximo das casas fixado pelo regulamento do concurso.»

Agradecemos estes esclarecimentos, mas lembramos ser de grande interesse fazer-se uma exposição dos trabalhos o que, aliás, está dentro das bases do concurso e no espírito dos seus organizadores.

•

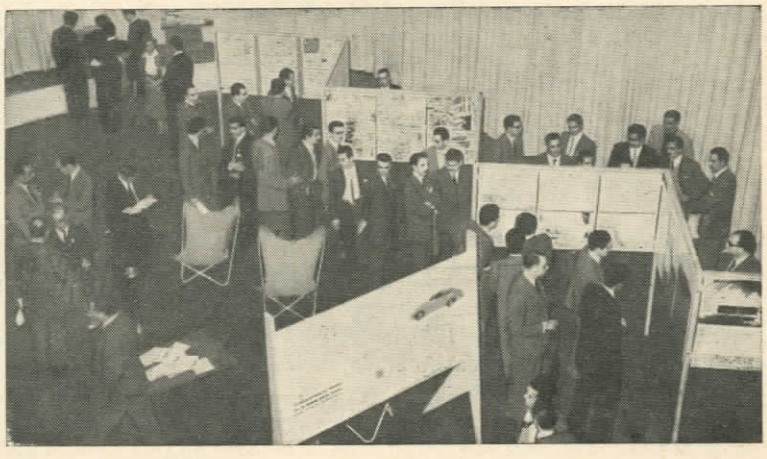
Tardiamente fazemos referências à Exposição de Arquitectura que o Grupo ODAM (Organização dos Arquitectos Modernos) levou a efeito no Porto nos salões do Ateneu Comercial.

Esta exposição, que teve largas repercussões nos jornais e público daquela cidade foi a primeira que este grupo levou a efeito. Expuzeram 25 arquitectos cerca de 120 pranchetas.

O plano da exposição obedeceu a uma montagem especial com o fim de a tornar volante e portanto fàcilmente portátil.

Com esta exposição pretendeu o grupo ODAM estabelecer estreito contacto com o público, familiarizando-o com a moderna arquitectura, estimular técnicos e leigos, e obstar a que um amadorismo perigoso alastre e lance a arquitectura no caos.

ARQUITECTURA abraça e acompanha com fervor estas e outras iniciativas levadas por deante por estes jovens arquitectos em defesa duma sã e boa Arquitectura Contemporânea e tem as suas páginas ao dispor desses nobres e belos princípios que muito ganham em ser divulgados.



Vista da Exposição do Grupo O. D. A. M.

«Sinkentiku» — Recebemos o número de Novembro que mantém o valor informativo dos anteriores, embora para nós tenha o inconveniente de não poder ser consultado com o proveito que era para desejar, devido à impossibilidade de ler os caracteres. Tem especial interesse a documentação fotográfica sobre escolas.

•

«Arte» — (N.º 3) — Este número relativo a Outubro contém uma valiosa e concisa referência a Columbano, por Anjos Teixeira, uma comunicação de Castro Rodrigues sobre Emílio de Paula Campos, que embora reduzida mostra que o autor compreendeu perfeitamente a obra deste artista. Contém como os anteriores, informação sobre exposições, conferências e livros, entre os quais avulta a de Mário Dionísio versando os últimos trabalhos de Portinari, incluídos no album de Suraghi, da editorial Della Meridiana, de Milão, notas críticas e noticiário. Apesar do seu formato reduzido é pela actualidade e seriedade de informação, uma revista de cultura artística que mantém a posição conquistada desde o primeiro número.

•

«Arhitekt» — E' esta uma revista Jugoeslava de arquitectura com uma secção sobre urbanística, uma folha desdobrável de pormenores e uma parte relativa à reintegração de antigos edifícios, e informações sobre desenho industrial e bibliografia. Nas primeiras páginas há uma tradução abreviada dos assuntos tratados, que ao contrário do que sucede com a publicação japonesa, a torna mais acessível ao público do Ocidente.

•

«Edilizia Moderna» — (n.º 47 — Dez. 1951) — Revista de apresentação aparatosa que neste número vale principalmente pela reportagem sobre a Exposição South Bank de Londres e por um artigo sobre Wright onde há elementos que interessam para o estudo da formação da nova arquitectura, que pode já incluir-se no último capítulo da História da Arte. Apresenta ainda alguns estudos de franco gôsto moderno, mas outros onde se percebe um compromisso desnorteante de formas antigas e actuais, principalmente em interiores que podem apontar-se como exemplos dum falso moderno.

Por isto parece-me poder concluir que a revista carece um tanto de directriz doutrinária, o que não deixa de ter os seus perigos para os que começam, embora seja para outros um útil guia para prescutar os movimentos da estética comtemporânea onde se defrontam o funcionalismo e os ecletismos dos estilos passados e destes com o moderno, nas mais variadas doses.

•

«Bronzes of West Africa» — Leon Underwood — Edição de Alec Tiranti Led. — 72 Charlotte Street, Londres — É um curto estudo mas de grande interesse para os artistas, pois o seu autor foca a questão sempre no campo estético, mostrando o mecanismo das transmissões de técnica e a evolução do estilo, embora sem poder fornecer dados precisos de cronologia, pois para tanto, não há ainda bases seguras.

Os bronzes do Ifé vindos de focos exteriores, talvez a Núbia (que os recebeu da área mediterrânica) foram depois ter às mãos dos Bini, de Benin. Cedo desapareceram de Ifé, mas em Benin a técnica de fundição alcançou impressionante perfeição, ao passo que a visão realista (intelectiva como lhe chama o autor) contrariava o modo de sentir dos Bini. Inicialmente a sugestão era muiro forte, e por isso as primeiras cabeças de Benin são dominadas por uma visão perceptual obediente às aparências, mas nunca individualizada no grau das de Ifé. São sempre reflexos de uma idealização que leva ao abandono dos caracteres mais intensos da individualização, um pouco à maneira da arte helénica ou da arte faraónica. Depois, a inclinação natural para a forma idealizada abre o caminho, alcançando em sua fase barroca, um grau apreciável de formação.

De grande interesse para a estética, em geral, são as considerações do autor a propósito de certas fases capitais na vida dos estilos, como a imposta pela ordem teocrática, quando a ornamentação controlada sublinha a magnificência dos motivos aplicados, ou a partir do momento em que se rompe o equilíbrio entre o poder temporal e o espiritual, e se entra na idade romântica, na do domínio da pujança ornamental (fase barroca).

O autor prudentemente nada conclue a propósito das origens; no entanto, a evolução geral que traça afasta-nos da hipótese apressadamente estabelecida por autores nacionais, de que os bronzes de Benin resultavam da introdução da técnica metalúrgica pelos portugueses no golfo da Guiné e de que mesmo o estilo (gótico, na expressão generalizada de Worringer, definido pela linha irrequieta, abstrata, atormentada e nada mais) se filia no gótico meridional de feição lusitana!

Mais prudência, senhores e, sobretudo, mais estudo!

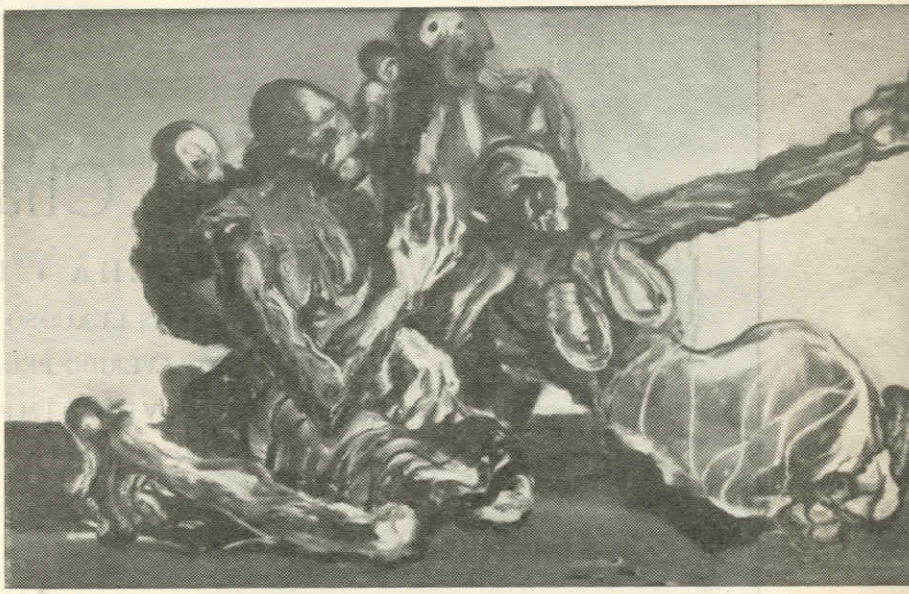
Uma numerosa colecção de boas estampas escolhidas com critério, o preço módico da publicação e a cuidadosa edição, justificam a aquisição de um documento tão acessível sobre esta arte primitiva cujo estudo, tão necessário se torna aos artistas de uma época de renovação como a nossa, e no qual encontrarão um guia mais seguro para comparecerem perante modelos autênticos que jazem esquecidos num salão da Sociedade de Geografia de Lisba.

J. H. L.

JOÃO AIRES

João Aires é um jovem pintor português que vive em Lourenço Marques. As fotografias de quadros a óleo e desenhos que hoje publicamos foram enviadas pelo autor a um dos colaboradores de «ARQUITECTURA». João Aires, que é filho do pintor Frederico Aires, tem realizado várias exposições em Lourenço Marques e na África do Sul, e projecta, para breve, apresentar os seus trabalhos em Lisboa. Limitamo-nos a esta nota socinta, porque, apesar de reconhecer-mos qualidades nestes trabalhos, não fazemos, no entanto, uma ideia exacta do seu valor real.

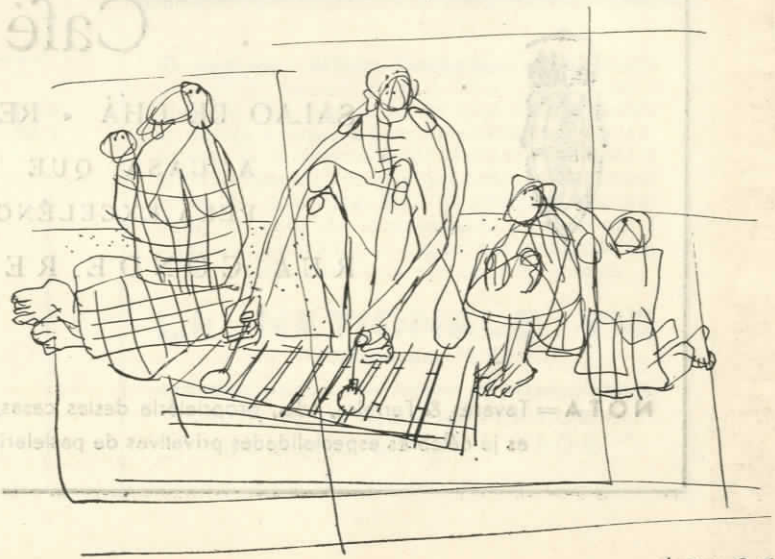
1



2

3

4



1. Roda fantástica, óleo
2. Oração, óleo
3. Música e estrelas, óleo
4. Tocadores, desenho